



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**ROSEANE SANTANA NERIS**

**O IMPACTO DA FALTA DE AMPLIAÇÃO DOS LETRAMENTOS NA CONDIÇÃO  
SOCIOECONÔMICA DOS HABITANTES DE SÃO FRANCISCO DO CONDE (BA)**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2025**

**ROSEANE SANTANA NERIS**

**O IMPACTO DA FALTA DE AMPLIAÇÃO DOS LETRAMENTOS NA CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS HABITANTES DE SÃO FRANCISCO DO CONDE (BA)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Graduação – Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2025**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

N365i

Neris, Roseane Santana.

O impacto da falta de ampliação dos letramentos na condição socioeconômica dos habitantes de São Francisco do Conde (BA) / Roseane Santana Neris. - 2025.  
80 f. : il., mapas, color.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2025.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre.

1. Letramento. 2. São Francisco do Conde (BA) - Condições econômicas.  
I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 305.5098142

**ROSEANE SANTANA NERIS**

**O IMPACTO DA FALTA DE AMPLIAÇÃO DOS LETRAMENTOS NA CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS HABITANTES DE SÃO FRANCISCO DO CONDE (BA)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Graduação – Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Data de aprovação: 29/05/2025.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Irlene Santos de Oliveira**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## AGRADECIMENTOS

A Ti, meu Deus, entrego minha mais profunda gratidão. És meu abrigo nas diversas tempestades que passei na vida, ouvinte fiel das minhas preces e aquele que guia meus passos, mesmo nos caminhos mais incertos.

À minha mãe Silvana, deixo a minha gratidão e admiração. Mulher de fibra, que criou sozinha os seus cinco filhos com coragem, fé e valores que moldaram nosso caráter. Foi ela quem me ensinou a nunca desistir, mesmo diante das portas fechadas. E com dignidade, aprendemos que podemos ocupar os papéis que a vida nos oferece, seja como empregada doméstica, lavadeira, trabalhadora rural ou dona de casa. Com esforço, estudo e dedicação, podemos chegar a qualquer lugar.

A minha sobrinha Joisilene, sou grata por me incentivar a continuar, mesmo diante das dificuldades. Por me mostrar e me fazer enxergar o poder do conhecimento e como podemos transformar nossa realidade. Gratidão é uma pequena palavra diante do que sinto por ti. Agradeço sua presença, força e direção nos estudos e na vida. Tu és minha irmã de alma e companheira de jornada. Nos dias em que o fardo parecia muito pesado, você sempre estava lá, com seu jeito doce e inteligência para dar uma solução. Cada palavra, incentivo fez brotar em mim a certeza de que eu era capaz. Por isso, dedico este agradecimento com muito amor a essa pessoa especial que chegou em nossa família para trazer luz. Sim, você trouxe luz para meu caminho. Sou muito grata por tudo que fez e faz por mim e, por isso, essa conquista também é sua.

Agradeço a força espiritual que promoveu o meu encontro com a professora Sabrina. Pequena no corpo e imensa na alma, delicada em aparência, mas grandiosa em essência. Sua presença se impôs com a sutileza de quem guia sem exigir, de quem ensina com firmeza, mas também com ternura. Na sua fragilidade aparente, habita uma força serena e admirável, capaz de transformar incertezas em confiança e desafios em caminhos possíveis. Agradeço por sua sensibilidade incomum, por sua inteligência generosa e por uma empatia que não se limita à teoria, mas se revela em cada gesto, em cada palavra de incentivo, em cada olhar que transmite segurança e acolhimento. Então, mais que orientadora, é a inspiração que transformou a construção deste trabalho em uma experiência mais leve, humana e significativa. A esta mestra, cuja grandeza vai além da docência, expresso a minha sincera gratidão

Agradeço, com profunda emoção, a mim mesma, moradora de São Francisco do Conde (BA), mulher negra, mãe, avó, filha de pais analfabetos, cujas trajetórias de vida me ensinaram

sobre dignidade, força e perseverança. Enfrentei inúmeros desafios ao longo do caminho, incluindo dificuldades sociais, emocionais e que, por vezes, ameaçavam silenciar meus sonhos. Foi na educação que encontrei a possibilidade de reconstrução, superação e transformação. Cada etapa vencida, cada obstáculo superado e cada conquista alcançada refletem não apenas esforço intelectual, mas também resistência, coragem e fé em um futuro diferente. Portanto, este trabalho representa mais do que uma realização acadêmica: é a afirmação do meu direito de ocupar espaços historicamente negados e a celebração de uma jornada marcada pela resiliência. Sendo assim, agradeço, especialmente, por não ter desistido de mim. Por acreditar, mesmo quando tudo parecia difícil demais. Por seguir em frente, movida pela certeza de que o conhecimento liberta, empodera e transforma realidades.

Aos colegas de jornada, deixo minha sincera gratidão pela partilha de saberes, pelo apoio mútuo e pelas trocas que tornaram o caminho mais leve e significativo. Cada diálogo, cada dúvida compartilhada e cada gesto de incentivo contribuíram para o fortalecimento coletivo e para a superação dos desafios ao longo desta caminhada. Em meio às dificuldades, foi o companheirismo que renovou a motivação e reafirmou o sentido de pertencimento a esta trajetória. Levarei comigo não apenas os aprendizados acadêmicos, mas também os vínculos construídos com respeito, solidariedade e afeto.

Agradeço à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em especial ao curso de Letras, por ser um espaço que vai além da formação acadêmica: um território de resistência, de construção de pensamento crítico e de valorização das identidades. A UNILAB foi fundamental para a ampliação da minha visão de mundo, abrindo caminhos para reflexões profundas sobre linguagem, cultura e sociedade. Ao corpo docente do curso de Letras, manifesto minha sincera gratidão pelo compromisso ético e político com uma educação verdadeiramente democrática, antirracista e libertadora. Cada aula, cada leitura e cada troca de saberes contribuíram não apenas para minha formação intelectual, mas também para o fortalecimento da minha consciência social, identidade e trajetória enquanto mulher negra. Foi neste curso que compreendi, com ainda mais clareza, o poder da palavra resistir, lutar e transformar.

## RESUMO

A educação é amplamente reconhecida como um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento humano e social, sendo essencial para a promoção da igualdade e para a redução das desigualdades socioeconômicas. Nesse contexto, em São Francisco do Conde, município localizado no Recôncavo Baiano, apesar do seu PIB per capita de 321.810,92 milhões de Reais, a realidade sobre a ampliação dos letramentos é particularmente preocupante. O censo demográfico de 2022 (IBGE) revela que esse município possui 49% da sua população autodeclarada preta – o que o insere entre as oito cidades com maior percentual de população preta no Brasil. Dados recentes indicam que parcela expressiva da população enfrenta baixos níveis de letramento, o que impacta direta e indiretamente na qualidade de vida, no desenvolvimento humano e na economia local, perpetuando ciclos de pobreza e exclusão social. Neste cenário, propõe-se a seguinte pergunta de pesquisa: de que forma a ausência da ampliação dos letramentos contribui para a perpetuação das desigualdades socioeconômicas em São Francisco do Conde, Bahia? Desse modo, este trabalho tem como objetivo geral analisar os impactos sociais da falta de ampliação dos letramentos na cidade. Para levar a cabo esse objetivo, selecionamos como referencial teórico os estudos de Paulo Freire (1996, 1987), Luiz Antônio Marcuschi (2001), Roxane Rojo (2009), Brian V. Street (2014). No que tange às escolhas metodológicas, esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e qualitativa, com dados coletados por meio de entrevistas presenciais com estudantes e trabalhadores informais, ou seja, por intermédio de questionários, sendo eles: três (03) estudantes do 3º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Martinho Salles Brasil e por três (03) mototaxistas locais. Além de duas autobiografias de duas (02) moradoras do município. Sendo todas as entrevistadas pessoas negras, do sexo feminino e masculino, com faixa etária entre 17 a 45 anos. De forma sintética, identificou-se que a falta de letramento não se limita apenas à dificuldade de ler e escrever, mas impacta profundamente o acesso a oportunidades, o desenvolvimento econômico e a qualidade de vida das pessoas, sobretudo ao se considerar uma população profundamente marcada pelo racismo como a de São Francisco do Conde.

**Palavras-chave:** letramento; São Francisco do Conde (BA) - condições econômicas.

## ABSTRACT

Education is widely recognized as one of the fundamental pillars for human and social development, being essential for promoting equality and reducing socioeconomic inequalities. In this context, in São Francisco do Conde, a municipality located in the Recôncavo Baiano region, despite its per capita GDP of R\$321,810.92 million, the reality regarding the expansion of literacy is particularly worrying. It is worth highlighting that the 2022 demographic census (IBGE) reveals that this municipality has 49% of its population self-declared as black - which places it in a context of one of the eight blackest cities in Brazil. Recent data indicate that a significant portion of the population suffers from low levels of literacy, which has direct and indirect impacts on quality of life, human development and the local economy, perpetuating cycles of poverty and social exclusion. In this scenario, we suggest the following research question: in what way does the lack of expansion of literacy contribute to the perpetuation of socioeconomic inequalities in São Francisco do Conde, Bahia? Thus, this work has the general objective of analyzing the social impacts of the lack of literacy in the city. To achieve this objective, we selected as theoretical references the studies of Paulo Freire (1996, 1987), Luiz Antônio Marcuschi (2001), Roxane Rojo (2009), Brian V. Street (2014). Regarding the methodological choices, this research is characterized as bibliographic and qualitative, whose data were collected through interviews with students and informal workers, that is, through questionnaires that were answered in person by three (3) students in the 3rd year of high school, from the Martinho Salles Brasil School and by three (3) local motorcycle taxi drivers. In addition, a biography and an autobiography of two (2) residents of the municipality. All of them were black people, male and female, aged between 17 and 45 years old. In summary, it was identified that the lack of literacy is not limited to the difficulty of reading and writing, but has a profound impact on access to opportunities, economic development and people's quality of life, especially when considering a population deeply marked by racism such as that of São Francisco do Conde.

**Keywords:** literacy; São Francisco do Conde (BA) - economic conditions.

## LISTAS DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	São Francisco do Conde	25
<b>Figura 2</b>	Convento de Santo Antônio (1936)	26
<b>Figura 3</b>	Ilha de Cajaíba (século, XVII)	26
<b>Figura 4</b>	Porcentagem da população brasileira por cor ou raça no Censo 2022	28
<b>Figura 5</b>	Cor ou raça predominante por municípios (Censo demográfico 2022)	29
<b>Figura 6</b>	Distribuição (%) da população por cor ou raça de 1872 a 2022	31
<b>Figura 7</b>	Cor ou raça predominante nos municípios (Censo 2022)	32
<b>Figura 8</b>	Pirâmide Etária de São Francisco Do Conde	34
<b>Figura 9</b>	Trabalho e rendimento da população de São Francisco do Conde (BA)	34
<b>Figura 10</b>	Trabalho e rendimento da população de Salvador (BA)	36
<b>Figura 11</b>	Pirâmide etária de Salvador	36
<b>Figura 12</b>	Programa social Pão na Mesa	37
<b>Figura 13</b>	Ícone do Programa Pão na Mesa no site da Prefeitura	39
<b>Figura 14</b>	PROUNIFAS	39

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Principais perguntas feitas para os/as estudantes	47
<b>Quadro 2</b>	Principais perguntas feitas para os (as) mototaxistas	48
<b>Quadro 3</b>	Informações sobre os participantes da pesquisa	49

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2</b>	<b>AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO DE LETRAMENTOS</b>	16
2.1	LETRAMENTOS	16
2.2	LETRAMENTOS E AUTONOMIA	21
<b>3</b>	<b>SÃO FRANCISCO DO CONDE (BA)</b>	25
3.1	IDENTIDADE ÉTNICA DE SÃO FRANCISCO DO CONDE	27
3.2	DISTRIBUIÇÃO DE RENDA DE SÃO FRANCISCO DO CONDE	33
3.3	PROJETOS SOCIAIS EM SÃO FRANCISCO DO CONDE	37
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b>	42
4.1	PESQUISA QUALITATIVA	42
4.2	OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	43
<b>4.2.1</b>	<b>Os estudantes</b>	43
<b>4.2.2</b>	<b>Os mototaxistas: trabalhadores informais de São Francisco do Conde</b>	45
<b>4.2.3</b>	<b>Autobiografias</b>	46
4.3	ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	46
<b>5</b>	<b>PERSPECTIVAS DA AMPLIAÇÃO DOS LETRAMENTOS</b>	51
5.1	PERSPECTIVAS DE CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO	51
5.2	PERSPECTIVAS DO REGRESSO À EDUCAÇÃO BÁSICA	56
5.3	PERSPECTIVAS DE FUTURO: O SONHO DA UNIVERSIDADE	60
5.4	CAMINHOS POSSÍVEIS PARA O ENFRENTAMENTO DAS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS NO MUNICÍPIO	66
<b>5.4.1</b>	<b>Fortalecimento de políticas públicas de letramentos</b>	67
<b>5.4.2</b>	<b>Valorização dos saberes e práticas culturais locais</b>	67
<b>5.4.3</b>	<b>Criação de um Observatório Municipal de Leitura e Letramentos</b>	68
<b>5.4.4</b>	<b>Expansão de oportunidade para a Educação de Jovens e Adultos (EJA)</b>	68
<b>5.4.5</b>	<b>Gestão participativa e redistribuição dos recursos públicos</b>	69
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	70
	<b>REFERÊNCIAS</b>	73
	<b>ANEXOS</b>	74

## 1 INTRODUÇÃO

A educação é amplamente reconhecida como um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento humano e social, sendo essencial para a promoção da igualdade e para a redução das desigualdades socioeconômicas. Contudo, em diversas localidades do Brasil, desafios como o analfabetismo funcional e o baixo nível de letramento persistem. Essas dificuldades têm impacto direto na capacidade dos indivíduos de participar ativamente da sociedade, acessar direitos e oportunidades, e contribuir para o desenvolvimento das comunidades em que vivem. Esse cenário ocorre especialmente em regiões historicamente marcadas por desigualdades socioeconômicas, em particular cidades menores e com histórico de vulnerabilidade social, como São Francisco do Conde, na Bahia, onde o baixo nível de letramento permanece como um desafio significativo.

Nessa perspectiva, o letramento vai além da simples habilidade de ler e escrever, transcende a alfabetização básica, abrangendo a capacidade de interpretar, compreender e utilizar informações funcionais no cotidiano para acessar direitos e oportunidades. Sendo assim, ele é uma ferramenta essencial para o exercício da cidadania plena, a inclusão no mercado de trabalho e a integração em uma sociedade cada vez mais tecnológica e interconectada. Portanto, a sua ausência ou insuficiência pode limitar o desenvolvimento individual e coletivo, ampliando barreiras socioeconômicas, restringindo o acesso ao mercado de trabalho formal, à qualificação profissional e à cidadania plena, perpetuando ciclos de exclusão e vulnerabilidade.

São Francisco do Conde, município localizado no Recôncavo Baiano, foi emancipado em 1698. Contudo, a criação oficial do município se deu apenas em 30 de março de 1938. Conforme o censo do IBGE, em 2022, sua população é de aproximadamente 38.733 habitantes, em uma área territorial de 269,715 km<sup>2</sup>, com densidade demográfica de 143,61 habitantes por metros quadrados que é constituída, em sua maioria, por afrodescendentes. O seu PIB *per capita* é de 321.810,92 milhões de Reais. Apesar de ser uma cidade com importantes riquezas, financeira, culturais e históricas, a região enfrenta desafios estruturais significativos, como desigualdade de renda, alta dependência de atividades econômicas específicas – incluindo o setor petrolífero – e fragilidades no acesso a serviços básicos, como educação e saúde. Dados recentes indicam que parcela expressiva da população sofre com baixos níveis de letramento, o que apresenta impactos diretos e indiretos na qualidade de vida, no desenvolvimento humano e na economia local, perpetuando ciclos de pobreza e exclusão social.

Embora São Francisco do Conde seja uma cidade marcada por sua história colonial e por sua dependência a atividades econômicas específicas, a falta de letramento apresenta reflexos claros nas condições de vida de grande parte da população. Sendo assim, os impactos da falta de letramento em São Francisco do Conde são múltiplos e interligados. Dessa forma, no contexto individual, a falta de letramento limita o indivíduo às possibilidades de acesso a empregos bem remunerados e reduzem a capacidade de tomar decisões informadas sobre questões cotidianas e participação ativa na política pela população.

Do ponto de vista coletivo, os problemas que movem essa pesquisa são: baixos níveis de letramentos entre jovens e adultos; desigualdades sociais; desafios estruturais e desigualdade de renda; impactos na qualidade de vida dos munícipes; o racismo; perpetuação de ciclos de exclusão e vulnerabilidade, apesar da presença de uma universidade federal no município.

São Francisco do Conde possui características que agravam essa situação. Apesar de ser uma das cidades com maior arrecadação per capita da Bahia, devido à presença da Refinaria Landulpho Alves e à produção de petróleo, a desigualdade social permanece alta. Esse contraste reflete-se na educação, uma vez que a falta de letramento compromete o acesso da população a oportunidades econômicas e sociais. Por isso, observa-se que o PIB alto não significa melhores condições de vida para a população.

Conforme observado, este trabalho se justifica tanto no plano individual quanto no coletivo, em diálogo com a comunidade. Dessa maneira, no que se refere à dimensão coletiva, este trabalho se justifica por diversos fatores interligados. Entre eles destacam-se: a falta de ampliação do letramento de uma população majoritariamente negra; os desafios relacionados ao desenvolvimento humano e social; as persistentes desigualdades socioeconômicas; a necessidade de inclusão, tanto social quanto no mercado de trabalho; além de desafios estruturais ligados aos processos históricos do município. Soma-se a isso a urgência formulação de políticas públicas educacionais mais equitativas e a valorização da identidade cultural e étnico-racial da comunidade.

Na dimensão individual, enquanto mulher negra e moradora de São Francisco do Conde, este trabalho se justifica pela minha vivência e conhecimento direto da realidade local. Minha trajetória é marcada pela busca por uma educação de qualidade e pelo compromisso ético com sujeitos que compõem essa comunidade, especialmente jovens marginalizados e adultos em situação de vulnerabilidade social. Por estar inserida nesse contexto, compreendo de forma sensível e crítica as desigualdades estruturais que atravessam o município. Além disso, como docente em formação, sendo estudante da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, localizada na sede da cidade, venho

desenvolvendo uma formação acadêmica que amplia minhas habilidades críticas e analíticas para refletir sobre questões sociais, culturais e econômicas da realidade sãofranciscana. Este trabalho, portanto, nasce do entrelaçamento entre vivência, formação e compromisso, com o objetivo de contribuir para o empoderamento da comunidade para que os sujeitos se reconheçam como protagonistas das suas próprias histórias.

Neste cenário, propõe-se a seguinte pergunta de pesquisa: de que forma a ausência da ampliação dos letramentos contribui para a perpetuação das desigualdades socioeconômicas em São Francisco do Conde, Bahia? A partir dessa questão, este estudo é orientado pelas seguintes hipóteses: 1) A falta de ampliação dos letramentos limita o acesso dos habitantes a melhores oportunidades econômicas e sociais, perpetuando desigualdades socioeconômicas na região; 2) A ausência de políticas públicas eficazes na área da educação agrava os baixos níveis de letramento no município. 3) Os baixos níveis de letramento estão diretamente relacionados à exclusão do mercado de trabalho formal e à dependência de empregos informais com baixos salários. 4) As desigualdades de letramentos no município são agravadas por fatores estruturais históricos como o racismo institucional e a marginalização da população negra na cidade. 5) A desarticulação entre práticas escolares e saberes culturais e comunitários contribui para o desinteresse dos estudantes e para a baixa permanência escolar.

Desse modo, este trabalho tem como objetivo geral analisar os impactos socioeconômicos da falta de ampliação dos letramentos na cidade de São Francisco do Conde (BA). Há ainda os seguintes objetivos específicos: a) Investigar de que maneira a limitação dos letramentos afeta a economia local e contribui para as desigualdades socioeconômicas; b) Identificar as raízes históricas, sociais e culturais associadas à baixa incidência de letramentos no município; c) Avaliar a eficácia dos programas sociais e políticas públicas voltadas à promoção da educação e inclusão social; d) Compreender as percepções da comunidade por meio de entrevistas e autobiografias; e) Analisar as vivências e percepções dos estudantes, trabalhadores informais e moradores sobre os impactos do letramento em suas trajetórias pessoais e profissionais; f) Sugerir possibilidades de intervenção e reflexão que colaborem com o desenvolvimento de políticas públicas, educacionais e sociais comprometidas com a ampliação dos letramentos

Com base nesse contexto, este trabalho considera os letramentos em associação a aspectos sociais, financeiros, étnicos, históricos, culturais e estruturais que contribuem para a manutenção das desigualdades em São Francisco do Conde. Nesse sentido, para embasar esta análise, selecionamos como referencial teórico os estudos de Paulo Freire (1996, 1987), Luiz Antônio Marcuschi (2001), Roxane Rojo (2009) e Brian V. Street (2014).

No que tange às escolhas metodológicas, esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e qualitativa, conforme Prodanov e Freitas (2013), uma vez que os dados coletados não incluem análises estatísticas ou valores numéricos. Assim, a abordagem qualitativa foi conduzida por meio de entrevistas presenciais, aplicada com auxílio de questionários, realizada com três (03) estudantes do 3º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Martinho Salles Brasil e três (03) mototaxistas da cidade. Além disso, foram utilizadas duas autobiografias produzidas por tia e sobrinha, as duas (02) moradoras do município. Os sujeitos da pesquisa são pessoas negras, de ambos os sexos, com faixa etária entre 17 e 45 anos.

Além da introdução e das considerações finais, o trabalho possui quatro (04) seções. Na primeira seção, trata-se da importância da “ampliação do repertório de letramento”, discutindo como essa ampliação é essencial para atender as demandas de uma sociedade em constante transformação. Desse modo, explora-se as múltiplas dimensões dos letramentos e estabelece uma relação direta entre letramento e autonomia, ressaltando como o acesso ao conhecimento pode levar indivíduos a questionar e transformar sua realidade. Na segunda seção, o foco recai sobre a cidade de São Francisco do Conde, explorando aspectos históricos, culturais, étnicos e socioeconômicos, além dos principais desafios enfrentados pelo município no que se refere à educação e à inclusão social.

Na quarta seção, são descritos os métodos e processos utilizados para condução da pesquisa, assegurando que ela se mantenha estruturada, ética e coerente com seus objetivos. Essa etapa é fundamental para garantir a confiabilidade e a consistência da análise. A quinta seção é dedicada à análise dos dados. Sendo assim, nela descrevemos o tipo de pesquisa realizada, o questionário aplicado, a natureza das perguntas e o perfil público participante. Essa seção tem como objetivo examinar, interpretar e discutir as informações obtidas durante o processo investigativo, conectando-as com os objetivos gerais e específicos do estudo. É nesse momento em que promovemos um debate em torno das respostas dos participantes, evidenciando as contribuições da pesquisa. Além disso, esta seção inclui um tópico de propostas e reflexões construídas a partir da análise de dados e das vivências dos participantes no contexto pesquisado. Por último, o trabalho é finalizado com as considerações finais, seguidas da lista de referências bibliográficas e anexas a íntegra das autobiografias.

## 2 AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO DE LETRAMENTOS

A ampliação do repertório de letramentos é um processo fundamental para enfrentar as demandas de uma sociedade em constante transformação. Ela envolve o desenvolvimento de competências que vão além do domínio da leitura e escrita tradicionais, abrangendo habilidades como o uso de tecnologias digitais, a interpretação crítica de mídias, a comunicação em diferentes linguagens e a compreensão de contextos multiculturais. Esse processo é impulsionado pela exposição a práticas diversificadas de letramento, que permitem aos indivíduos interagirem de forma mais efetiva e criativa com o mundo ao seu redor. Assim, ampliar o repertório de letramentos contribui para a formação de sujeitos autônomos, reflexivos e aptos a lidar com os desafios de um ambiente complexo e dinâmico.

O conceito de letramento vai além da simples capacidade de decodificar palavras e textos; ele abrange a compreensão e a interação crítica com diferentes formas de linguagem e contextos socioculturais. Em uma sociedade marcada pela diversidade de meios e formatos de comunicação, o letramento se torna uma ferramenta essencial para a participação ativa e consciente. Ele envolve não apenas a leitura e a escrita, mas também a interpretação de informações, o uso de tecnologias e a construção de sentidos em ambientes variados. Refletir sobre letramentos significa explorar como essas habilidades são desenvolvidas, promovidas e aplicadas em diferentes espaços e comunidades.

### 2.1 LETRAMENTOS

Letramentos e alfabetização são os processos básicos de conhecimento de leitura e escrita que possibilitam, ao indivíduo que vive em uma sociedade letrada, compreender os acontecimentos do seu cotidiano e, além disso, de forma mais ampla, os conhecimentos do mundo em que vive. Por meio desses conhecimentos, é possível desenvolver habilidades como o senso crítico e questionador, aprimorando a capacidade de investigar e de buscar soluções para resolver problemas e conflitos.

Especificamente, o letramento não é estático, pois se transforma ao longo do tempo, acompanhando as mudanças que ocorrem nas práticas sociais, culturais e tecnológicas existentes na sociedade. Ele também se refere à capacidade que uma pessoa desenvolve de compreender, interpretar, utilizar e produzir textos e informações em diferentes contextos sociais, culturais e digitais. Ao letramento está ligada a ideia de que a leitura e a escrita não são meras habilidades, mas sim processos sociais e culturais que empenham papéis fundamentais

na construção coletiva e na participação em sociedades democráticas. Essa abordagem amplia o conceito tradicional de alfabetização e leva em consideração diferentes formas de linguagem que estão presentes na sociedade contemporânea, incluindo mídias digitais e audiovisuais. Para Marcuschi (2001):

O letramento (literacy), enquanto prática social formalmente ligada ao uso da escrita, tem uma história rica e multifacetada (não linear e cheia de contradições), [...]. Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que uma tecnologia. (Marcuschi, 2001, p. 16).

A partir dessa perspectiva, entende-se que os letramentos são práticas sociais de leitura e de escrita utilizadas pelas pessoas em suas vidas cotidianas. Segundo Marcuschi (2001, p. 16), ao citar a escrita, “ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno”. A definição de letramentos inclui como ler e escrever em diferentes contextos, compreender e produzir textos escritos e orais, e utilizar essas habilidades para alcançar objetivos pessoais e profissionais. Além disso, os letramentos também abordam aspectos culturais e sociais, como normas de linguagem utilizadas em diferentes comunidades e os valores associados a diferentes culturas. Dessa maneira, o estudo dos documentos é essencial para entender como as pessoas se comunicam e interagem em diferentes contextos sociais e culturais, como as práticas de leitura e escrita estão correlacionadas à vida das pessoas.

Sobre o contexto da oralidade e da escrita, Marcuschi compreende que:

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante. (Marcuschi, 2001, p. 17).

É importante considerar, portanto, que há “variações do letramento”, isto é, há diferentes formas pelas quais os indivíduos desenvolvem habilidades de leitura e escrita. Inclui as habilidades que são adquiridas no ambiente formal da educação, bem como as habilidades de letramentos assimiladas através da experiência prática em suas vivências cotidianas. Significa dizer que o letramento não é uma habilidade estática, mas sim um processo constante de evolução que é influenciado por fatores sociais, culturais e tecnológicos.

Considerando essa característica dinâmica dos letramentos, é válido considerar que há “graus de letramento”, os quais variam de acordo com fatores como idade, gênero, classe social e contexto educacional. Contudo, Marcuschi (2001) referindo a Street (1995) alerta que:

[...] deve-se ter imenso cuidado diante da tendência à escolarização do letramento, que sofre de um mal crônico ao supor que só existe um letramento. O letramento não é o equivalente à aquisição da escrita. Existem "letramentos sociais" que surgem e se desenvolvem à margem da escola, não precisando por isso serem depreciados. (Marcuschi, 2001, p. 19).

A primeira fase do letramento pela qual um ser humano passa é o letramento familiar, que é o modo de aprendizagem de habilidades e práticas de leitura e escrita que são aprendidas durante a convivência familiar. Sendo assim, é por meio do ambiente familiar, das conversas cotidianas e dos estímulos pelos responsáveis que a criança começa a compreender o sentido primeiro da oralidade no desenvolvimento da fala e, em seguida, no processo de alfabetização na escola, aprendem o significado da escrita, passando a conhecer letras e palavras, desenvolver perguntas e assimilar respostas. Dessa forma, constrói-se a base do conhecimento. Além disso, o letramento familiar é importante, pois permite que os pais acompanhem seus filhos e orientem as crianças na jornada do aprendizado, estreitando os laços afetivos e fortalecendo a relação familiar.

Quanto a essa perspectiva, Marcuschi (2001) enfatiza que:

A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização. Por outro lado, a escrita (enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola. [...] (Marcuschi, 2001, p. 18).

Através do letramento, desenvolve-se um conjunto de habilidades necessárias para o uso da escrita em situações comunicativas, incluindo leitura e produção de textos mais formais, como no mundo acadêmico e profissional. O letramento é, portanto, uma competência essencial para o exercício da cidadania e para o desenvolvimento de processos educacionais efetivos.

Destaca-se que a leitura é uma forma importante de acessar informações apresentadas em diferentes gêneros textuais, desde notícias e textos acadêmicos até obras literárias. Além disso, a leitura contribui para a expansão da capacidade crítica e interpretativa do leitor, permitindo que ele seja um participante ativo na sua própria formação e na construção de visão de mundo. A leitura crítica permite aos leitores analisarem e interpretarem de forma mais profunda, reflexiva e questionadora o texto, identificando possíveis pontos de vista, valores, pressuposições sobre o texto. Ou seja, para desenvolver essa capacidade é necessária uma prática constante de leitura, análise e reflexão de diferentes tipos de textos. Dessa forma,

amplia-se o repertório linguístico e desenvolve a habilidade de identificar e avaliar as informações recebidas.

Por sua vez, a escrita é um processo complexo que requer o desenvolvimento de compreensão de gramática, ortografia, pontuação e organização de ideias. Independentemente do tipo de escrita ou do contexto na qual será aplicada, é necessário que o autor tenha consciência do público-alvo e do propósito do texto. Como resultado, a união de variados tipos de letramentos favorece a reflexão e o diálogo entre diferentes grupos sociais, fortalecendo a democracia e a promoção da cidadania. Segundo Marcuschi (2001, p. 25), “letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita”. Além disso, desde o início dos tempos, a escrita tem sido usada para contar histórias, registrar informações e transmitir mensagens importantes. Com o avanço das tecnologias, a escrita se tornou ainda mais relevante, o que permite que as pessoas se comuniquem com outras em todo o mundo. Marcuschi (2001, p. 16) mostra como a escrita é vista na sociedade, “Por isso, friso que ela se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder.”

Além disso, em um mundo cada vez mais mediado por tecnologias disponíveis, o letramento digital também ganha importância e envolve a capacidade de compreender e utilizar as diversas ferramentas tecnológicas disponíveis para a produção e circulação de informações. As tecnologias digitais têm sido cada vez mais utilizadas para promover letramentos, contribuindo para expansão do acesso ao conhecimento e cultura. Dentre as variadas ferramentas disponíveis, destacam-se softwares educativos, jogos digitais, plataformas online e redes digitais. Além disso, a utilização de tecnologias assistivas, com leitores de telas, ampliadores de fontes e programas de reconhecimento de voz, tem sido fundamental para garantir a informação e garantir a inclusão digital e social de pessoas com deficiência visual ou motora. Contudo, essas tecnologias não vão substituir a prática da leitura e da escrita em sala de aula, mas podem ser uma ótima opção para complementar e enriquecer o processo de aprendizagem tornando-o mais dinâmico e atrativo para os estudantes.

Assim sendo, as perspectivas futuras sobre letramento estão relacionadas ao avanço das tecnologias e da comunicação. Exige-se, então, um novo modelo de letramento que possa lidar com a multiplicidade de recursos de linguagem que se apresente na sociedade contemporânea. Do mesmo modo, considerando os contextos de educação pública, principalmente, a importância do letramento digital e o aumento da diversidade cultural demandam uma abordagem plural e inclusiva, capaz de promover igualdade de acesso ao conhecimento,

informação e a oportunidade de formação profissional. Nesse sentido, o papel do educador é essencial na formação de leitores críticos reflexivos capazes de compreender e atuar em diversos contextos sociais e culturais. Rojo (2009, p. 107) afirma: “Um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar de várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática.” Sendo assim, a partir desse entendimento multidisciplinar e interdisciplinar, o letramento pode contribuir para a evolução de uma sociedade mais justa e democrática, que valorize e respeite a diversidade e a pluralidade dos cidadãos.

Outro ponto a ser ressaltado no que se refere à importância da ampliação do repertório de letramentos dos indivíduos que vivem em sociedades letradas consiste nos aspectos culturais. Em outras palavras, durante o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, aspectos culturais como valores, crenças, tradições, língua e história, trazem impactos positivos e negativos. Marcuschi (2001, p.35), referindo-se a Durante (1997), frisa que “[...] a língua é uma parte da cultura, mas uma parte tão decisiva que a cultura se molda na língua. No entanto, seria equivocado ver uma homologia entre língua e cultura, pois conhecer uma não equivale a conhecer a outra”. E, em relação à cultura, Durante (1997, p.35) ainda reforça que “a cultura é um dado que torna o ser humano especial no contexto dos seres vivos. [...] permite que estabeleçamos crenças e pontos de vista diversos ou coincidentes sobre as mesmas coisas. [...]”. A leitura e a escrita são consideradas ferramentas de inclusão na sociedade. Por consequência, as pessoas consideradas não letradas acabam sendo excluídas de diversas oportunidades, tanto educacionais quanto profissionais, o que reforça ainda mais a importância dessas ferramentas como instrumento de inclusão.

Street (2014) propõe uma importante reflexão sobre a exclusão social que estigmatiza os sujeitos que não sabem ler:

Declarações da parte dos engajados acerca da necessidade do letramento, da importância do letramento para o desenvolvimento e das terríveis consequências do "analfabetismo" pressupõem todas que já sabemos o que é o "letramento" e que, quando as pessoas o adquirem, elas de algum modo "vão se dar melhor". (Street, 2014, p. 30)

Contudo, Street (2014) argumenta que essas declarações possuem uma visão ocidentalistas, paternalistas e estreitas sobre o que seja letramentos, afirmações essas que resultaram na construção do estigma sobre analfabetismo e as pessoas que possuem seus letramentos de mundo, mas se expressam através da sua oralidade. Porém, é fato que esse pensamento ocidentalista afasta do mercado de trabalho pessoas que são consideradas “não

letradas”, impactando diretamente a vida socioeconômica dessas pessoas, que por não serem letradas são direcionadas a trabalhos com baixos salários e insegurança alimentar. Dessa forma, percebe-se a importância da expansão dos letramentos, tornando crianças, jovens e adultos capazes de atuar efetivamente nessa sociedade contemporânea que é centrada na escrita, e que exigem competência de leitura, interpretação e produção textual.

Considerando que nem todos possuem acesso igualitário à leitura, seja por questões socioeconômicas, regionais, ou deficiência visual, Marcuschi (2001, p. 30) defende que “a supervalorização da escrita, sobretudo a escrita alfabética, leva a uma posição de supremacia das culturas com escrita ou até mesmo dos grupos que dominam a escrita dentro de uma sociedade desigualmente desenvolvida”. Por isso, é importante que as políticas públicas sejam criadas e integradas para garantir acesso à leitura, de forma que todas as pessoas possam desenvolver suas habilidades de letramento. Portanto, a democratização do acesso à leitura é muito importante para a inclusão social e para o desenvolvimento da sociedade mais igualitária em termos de oportunidade educacional, cultural e profissional.

## 2.2 LETRAMENTOS E AUTONOMIA

As desigualdades socioeconômicas e culturais são um grande desafio para o alcance dos letramentos. A falta de acesso e oportunidades educacionais podem afetar significativamente a capacidade de uma pessoa de se tornar um leitor e escritor, mas não impossibilita, pois, o sujeito de possuir autonomia para buscar conhecimento e desenvolver sua criatividade. Dessa forma, o indivíduo autônomo compreende não somente o significado das palavras, mas também o contexto cultural em que está inserido. Segundo Freire (1996, p. 23), “[...] presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere”. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História...”. Podemos entender que para Freire, ao “inserir-se” no mundo, a pessoa assume o papel de sujeito da História, ou seja, alguém que questiona, reflete e age para mudar as condições que o afetam e às outras pessoas. Isso contrasta com a posição de “objeto”, que implica em ser apenas alguém que sofre as influências do contexto histórico e social sem poder modificá-lo.

Além disso, as desigualdades culturais também podem influenciar a forma como as pessoas compreendem e usam a linguagem escrita. Assim, enquanto algumas comunidades podem ter linguagens valorizadas, outras podem ter estilos de linguagem que não são valorizadas ou sequer conhecidas. Para reforçar essa ideia de estilos de letramentos populares que são desvalorizados na sociedade e nas escolas, Rojo (2009) considera que:

[...] o ingresso de alunado e professorado das classes populares nas escolas públicas trouxe para os intramuros escolares letramentos locais ou vernaculares antes desconhecidos e ainda hoje ignorados, como rap e o funk, por exemplo. Isso cria uma situação de conflito entre práticas letradas valorizadas e não valorizadas. (Rojo, 2009, p. 106)

No entanto, Rojo (2009), referindo-se a Hamilton (2002), aponta a seguinte realidade nas escolas, que tende a desvalorizar os letramentos das classes populares:

[...] o fato de que muitos dos letramentos que são influentes e valorizados na vida cotidiana das pessoas e tem ampla circulação são também ignorados e desvalorizados pelas instituições educacionais: Não contam como letramento “verdadeiro” [...] usado intensamente pelos jovens fora da escola e, nela, ignorado ou execrado como degradação da língua.” (Rojo, 2009, p.106)

Outro aspecto que precisa ser destacado são os letramentos funcionais, ou seja, aqueles que se concentram em ler, escrever e produzir textos simples da vida cotidiana. Não há dúvida de que o letramento funcional é importante para a vida cotidiana, permitindo que as pessoas realizem tarefas simples como ler um cardápio de restaurante ou entender uma bula de remédio. Contudo, o letramento crítico é igualmente importante, pois permite que as pessoas avaliem e analisem informações de maneira crítica e tomem decisões baseadas em informações verídicas. Assim, ao entender a relação entre os dois tipos de letramentos as pessoas podem se tornar mais capacitadas nas diversas situações do cotidiano, bem como em questões sociais mais amplas.

É importante lembrar que, embora os letramentos funcionais possam facilitar a participação do indivíduo na vida cotidiana, a ampliação desses letramentos capacita o cidadão para a participação ativa na sociedade, evitando assim, a alienação, vulnerabilidade e a exploração. Sendo assim, Freire (1996) defende que “[...] a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a [...]”. Freire (1987) ainda vai além quando afirma que:

Até o momento em que os oprimidos não tornem consciência das razões de seu estado de Opressão “aceitam” fatalistamente a sua exploração. Mais ainda, provavelmente assumam posições passivas, alheadas, com relação à necessidade de sua própria luta pela conquista da liberdade e de sua afirmação no mundo. (Freire, 1987, p. 32).

Coadunando com Freire (1987), defendemos que, por meio dos letramentos, promove-se mudança social. As escolas precisam se adequar a essas novas demandas sociais. Particularmente, é indispensável contribuir com a ampliação de letramentos críticos. Conforme descreve Rojo (2009, p.108), “os letramentos críticos e protagonistas, requeridos para o trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos e que não pode lidar com eles de

maneira instantânea, amorfa e alienada”. Por isso, a capacidade de ler textos e imagens com um olhar crítico é necessária para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Por meio do letramento crítico, as pessoas são capazes de identificar as desigualdades e injustiças sociais. Dessa forma, o letramento crítico e a cidadania estão intrinsecamente ligados, pois o potencial de compreender e analisar criticamente as informações que nos são apresentadas permite que desenvolvamos a habilidade do questionamento. E, assim, questionando o que é apresentado como verdade e analisando as intenções por trás da mensagem, aprimora-se a capacidade de identificar manipulações e falácias. Desse modo, ao proporcionar o letramento crítico, estamos capacitando os cidadãos a serem mais engajados e responsáveis, aptos a discernir, argumentar e tomar decisões conscientes para defender seus direitos. Em contrapartida, quando se exercita apenas a educação “bancária” em sala de aula, Freire (1987, p. 39) argumenta: “Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele”.

Portanto, o acesso à educação e à oportunidade de se tornar letrado pode melhorar a qualidade de vidas das pessoas, especialmente daquelas que vivem em situações de pobreza, discriminação e marginalização social. No entanto, há muitos desafios a serem enfrentados para garantir que todos tenham as mesmas oportunidades. As políticas e práticas educacionais devem ser inclusivas e considerar as necessidades individuais de cada aluno, além de mitigar as barreiras socioeconômicas e culturais que impedem o acesso e a participação plena na sociedade. Desse modo, o envolvimento social pode ajudar a aumentar a autoestima, permitindo que as pessoas participativas sejam valorizadas dentro da sua comunidade. Pois, para Freire (1987, p. 46), “é práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

Em resumo, os letramentos são importantes para o desenvolvimento pessoal, social e profissional dos indivíduos, pois permitem que eles participem ativamente da cultura escrita e sejam capazes de expressar suas ideias, opiniões e sentimentos de forma eficaz. Além disso, os letramentos contribuem para o exercício da cidadania, da democracia e dos direitos humanos. Sendo assim, o letramento vai além da alfabetização, que é o processo de aprender a ler e escrever. Ou seja, por letramento envolve a compreensão, a interpretação, a produção e a aplicação dos textos escritos nas diversas situações da vida cotidiana. Enfim, o letramento é, portanto, um aspecto fundamental para a participação ativa do indivíduo na sociedade, na direção de sua autonomia. Em função disso, o letramento pode mudar significativamente a vida das pessoas, aquelas que estão em situação de vulnerabilidade ou excluída do acesso a

informações e conhecimentos, podendo, assim, combater a desigualdade e fortalecer a democracia.

### 3 SÃO FRANCISCO DO CONDE (BA)

São Francisco do Conde é um município brasileiro localizado na Região Metropolitana de Salvador, no estado da Bahia. Sua população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2021 era de 40.664 habitantes, mas diminuiu para 38.733 pessoas, segundo o censo realizado em 2022 pelo IBGE.

**Figura 1** - São Francisco do Conde



Fonte: Portal UNILAB<sup>1</sup>.

São Francisco do Conde pertenceu a Salvador até o ano de 1697, quando foi emancipado. Conforme, registrado na história do município, em 1618, por ordem do Conde de Linhares, foi construído no alto de um monte, no Recôncavo Baiano, um convento e uma igreja, onde, mais tarde, surgiria a cidade de São Francisco do Conde, em 1698.

Sendo assim, a história do Brasil colonial também está presente em São Francisco do Conde, cujos vestígios desse fato histórico são vistos tanto na arquitetura, quanto nos hábitos e manifestações culturais dos seus habitantes que remontam aos costumes antigos que mantêm viva a cultura regional tradicional. O município é rico em sobrados, igrejas e engenhos construídos durante a colonização portuguesa no século XVI. Essas construções barrocas mantêm viva a memória desse período histórico e de sua importância na história do Brasil e da Bahia. São Francisco do Conde é uma das cidades que guarda patrimônios do Brasil colonial, assim como, Cachoeira, Maragogipe e Santo Amaro da Purificação.

---

<sup>1</sup> Portal UNILAB. Disponível em [https://unilab.edu.br/historias\\_sfc/](https://unilab.edu.br/historias_sfc/). Acesso em: 3 mar. 2024.

**Figura 2** - Convento de Santo Antônio (1936)



Fonte: Portal UNILAB<sup>2</sup>

**Figura 3** - Ilha de Cajaíba (século, XVII)



Fonte: br.blastingnews.com<sup>3</sup>

O nome destinado à cidade homenageia o padroeiro e o conde Fernão de Noronha, cuja mulher, D. Filipa de Sá, herdara as terras do irmão, Francisco de Sá, filhos ambos do 3º governador-geral do Brasil, Mem de Sá. A região onde fica a cidade de São Francisco do Conde foi conquistada pelo império português através de guerras travadas contra os índios que viviam nas margens dos rios Paraguaçu e Jaguaribe.

A diversidade étnica ajudou a construir a cidade. Dessa forma, podemos encontrar na arquitetura e no cotidiano dos são franciscanos vestígios dos povos negros, indígenas e

<sup>2</sup> Portal UNILAB. Disponível em [https://unilab.edu.br/historias\\_sfc/](https://unilab.edu.br/historias_sfc/). Acesso em: 3 mar. 2024.

<sup>3</sup> Disponível em <https://br.blastingnews.com/lazer/2022/02/sao-francisco-do-conde-um-passeio-pelo-brasil-colonia-003433506.html>. Acesso em: 3 mar. 2024.

européus. A sua culinária também se destaca, como, por exemplo, o preparo típico do peixe assado na folha da banana, mingaus de farinha de milho e de tapioca – herança deixada pelos povos Tupinambás e os Caetés, que historicamente são caracterizados como os primeiros habitantes da região.

A geografia de São Francisco do Conde é marcada pela Mata Atlântica, já que a cidade está situada na costa litorânea, com ilhas e manguezais. Por isso, a pesca, a catação de mariscos e outros frutos do mar e dos manguezais são também fontes de alimentação e renda da população da região.

### 3.1 IDENTIDADE ÉTNICA DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

São Francisco do Conde, apesar da sua miscigenação durante o período colonial, é uma cidade negra, ou seja, sua população é constituída, em sua maioria, por afrodescendentes. Segundo dados coletados pelo censo demográfico de 2022 (IBGE), a cidade mais preta do Brasil é Serrano, no estado do Maranhão. A cidade, que possui uma população de pouco mais de 10 mil habitantes, tem uma predominância negra de 58%, 39% de pardos, 2,7% de brancos, indígenas e amarelos com menos de 0,1% (IBGE, 2022). Por sua vez, na Bahia, o censo demográfico de 2022 mostrou que estão situadas as oito cidades consideradas mais pretas, depois de Serrano do Maranhão. São elas: Antônio Cardoso, Cachoeira, Conceição de Feira, Ouriçangas, Pedrão, Santo Amaro, São Francisco do Conde e São Gonçalo dos Campos (IBGE, 2022). Vale ressaltar que, na Bahia, se concentram um total de 29,9% das comunidades quilombolas brasileiras (IBGE). Três dessas comunidades reconhecidas e registradas ficam em São Francisco do Conde, a saber: Ilha do Paty, Monte Recôncavo e Dom João. O percentual dos municípios baianos com os maiores índices de negros são: em 2º lugar: Antônio Cardoso (BA), Ouriçangas (BA) com 52,8%, São Francisco do Conde ocupa o 7º posição com 49,9% de pessoas que se declaram negras. (G1. IBGE, 2022).

A coleta de dados do censo demográfico do IBGE se baseia na autodeclaração de raça ou cor, agrupada em cinco categorias que são: branco, preto, pardo, amarelo ou indígena. Sendo assim, a autodeclaração é uma percepção que cada indivíduo tem de si mesmo. Assim também, a questão da cor da pele não está apenas ligada à aparência fenotípica, mas também a questões culturais e socioeconômicas.

Nesse contexto, o censo de 2022 informa que o município de São Francisco do Conde possui 38,7 mil habitantes, com 49% da população declarada preta, 44,1% parda, 5,7 de branca

e menos de 1% amarela e indígena e, ainda 2,2 mil autodeclarados quilombolas na cidade, sendo o total de 5,8% da população (IBGE, 2022).

De acordo com o IBGE (2022), a Bahia é o estado brasileiro com o maior quantitativo de pessoas negras (cf. figura 05). Nos últimos 12 anos, a porcentagem de pessoas pretas na Bahia aumentou de 17,1% para 22,4%. Enquanto isso, o número de municípios com pessoas que se declaram pardos também cresceu em todo país: passou de 2.990 para 3.245 (alta de 9%). Em contrapartida, diminuiu o número de municípios com predominância branca, de 2.552 para 2.283, uma queda de 11%.

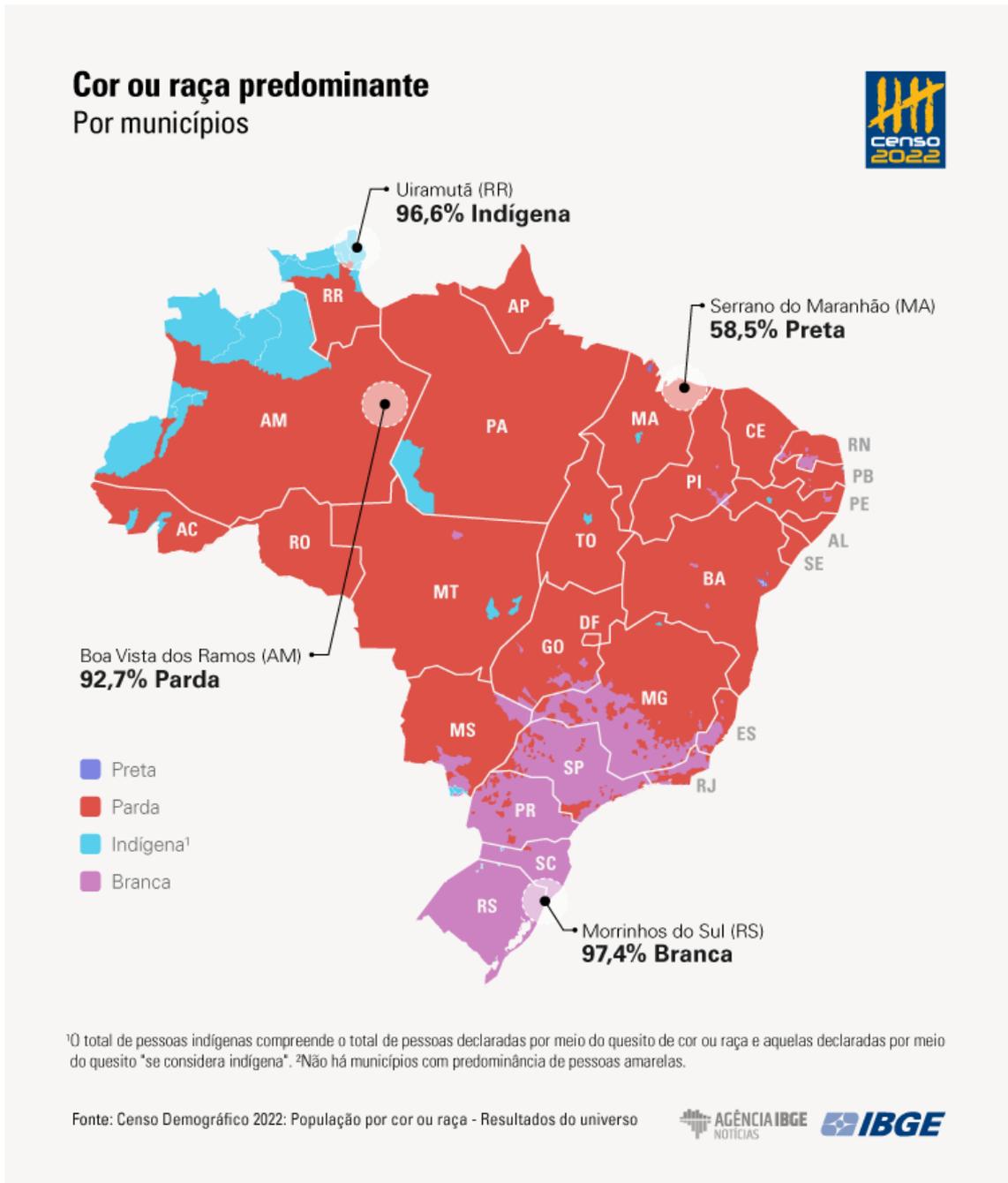
**Figura 4** - Porcentagem da população brasileira por cor ou raça no Censo 2022



Fonte: Agência Brasil<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Agência Brasil. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-12/censo-2022-populacao-parda-supera-branca-pela-1a-vez>. Acesso em 22 de abril de 2024.

**Figura 5 - Cor ou raça predominante por municípios (Censo demográfico 2022)**



Fonte: Agência de notícia IBGE<sup>5</sup>

A desigualdade de raça ou cor está presente em muitas dimensões da vida social. Contudo, para alguns especialistas, essa mudança de cenário ocorreu por conta da mudança na mentalidade das pessoas que cada vez mais admitem sua negritude. De acordo com Freire

<sup>5</sup> Agência de notícias IBGE. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 20 abr. 2024.

(1996, p.17), “[...] A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. [...]”.

Em entrevista à BBC News Brasil, o pesquisador Michael França asseverou:

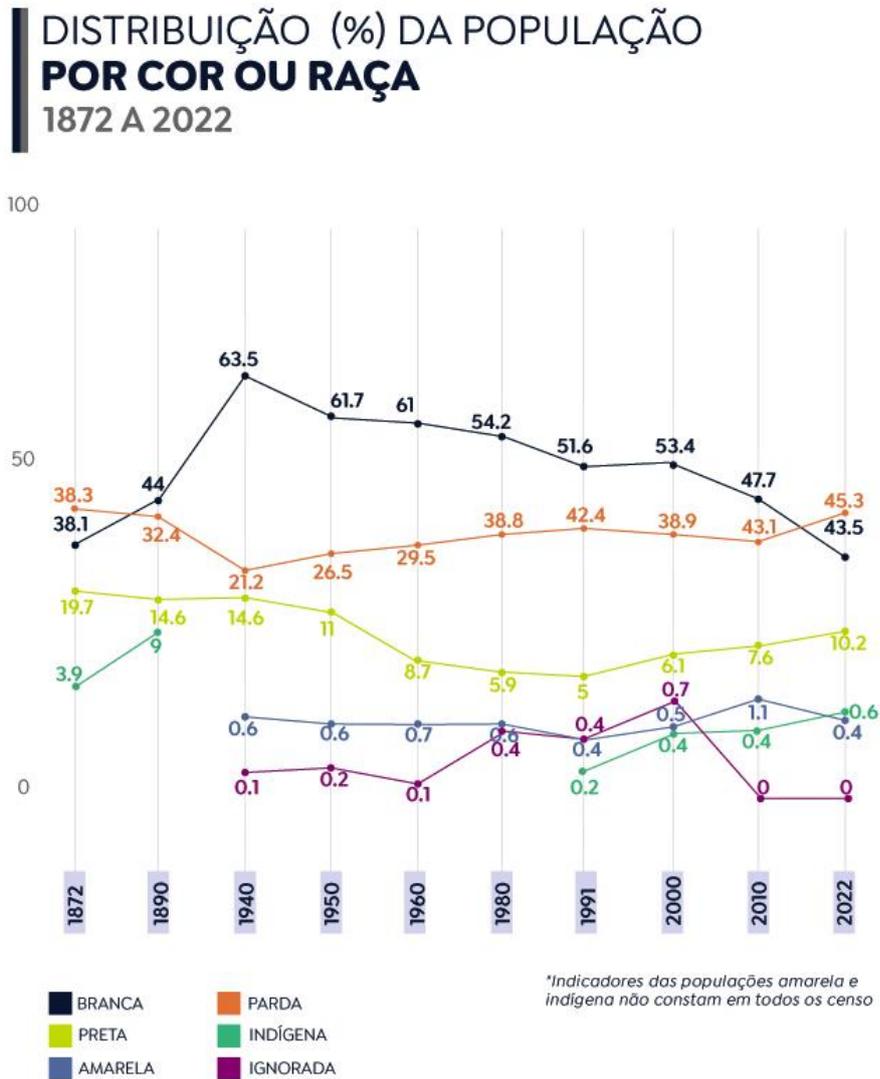
No passado, em alguns setores da sociedade, ser chamado de preto era algo até pejorativo, mas com o passar do tempo há essa valorização da identidade negra, que estimula as pessoas cada vez mais a não só se verem como negras, mas valorizarem a própria identidade. (França, BBC News Brasil, 2022)<sup>6</sup>.

Para França (2022), “há a formação de uma massa crítica nas universidades, que está produzindo livros e ampliando o debate racial de forma considerável nos últimos anos”. Assim sendo, quando o primeiro censo foi realizado em 1872 (cf. figura 05), a população declarada parda era de 38,3%, apenas um pouco superior a branca de 38,1%. Ao longo do tempo a população branca teve um pico de 63,5% em 1940 e em seguida começou a decrescer. Também em 1940 os pardos atingem o menor número de 21,2%. Desde então houve um crescimento significativo no número de pessoas que se autodeclararam pardas nos resultados do censo realizado em 2022 (IBGE, 2022). Entretanto, a população preta com 19,7% da população em 1872, apontou seguidas quedas. Com sua menor marca de 5% em 1991, chegando em 2022, com uma queda de 10,2%. (IBGE, 2022)

---

<sup>6</sup> BBC News. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4nyekzdd16o#:~:text=Michael%20Fran%C3%A7a%2C%20coordenador%20do%20N%C3%BAcleo,popula%C3%A7%C3%A3o%20que%20se%20declara%20parda>. Acesso em 20 de abril de 2024.

**Figura 6 - Distribuição (%) da população por cor ou raça de 1872 a 2022**



Fonte: IBGE

agênciaBrasil

Fonte: Agência Brasil<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Agência Brasil. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-12/censo-2022-populacao-parda-supera-branca-pela-1a-vez>. Acesso em: 22 abr. 2024.

**Figura 7 - Cor ou raça predominante nos municípios (Censo 2022)**



Fonte: Agência Brasil<sup>8</sup>

Conforme a figura 07 indica, há apenas duas referências no mapa à população predominantemente preta (indicada pela cor rosa): no Maranhão e no Recôncavo Baiano, totalizando nove cidades. Entretanto, apesar de São Francisco do Conde ter o percentual de 49,9%, de pessoas que se declaram pretas, é imperativo afirmar que os dados coletados são

<sup>8</sup> Agência Brasil. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-12/censo-2022-populacao-parda-supera-branca-pela-1a-vez>. Acesso em: 22 abr. 2024.

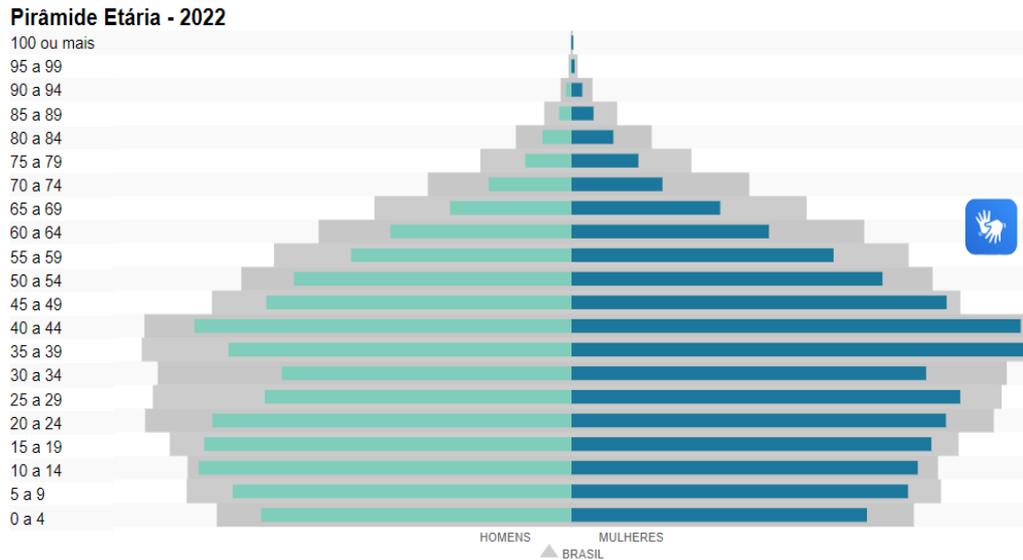
autodeclarativos, ou seja, a informação de cor ou raça declarada é uma percepção de si mesma. Sendo assim, o pesquisador não pode interferir nas informações do declarante. Esses dados são, portanto, advindos de um país onde o preconceito e a discriminação racial geram desigualdades, violência e exclusão, justificada pela cor. Além de perda de oportunidades de educação e emprego, esses tratamentos desiguais trazem consequências físicas, psicológicas, emocionais e socioeconômicas. Portanto, em uma sociedade que olha o negro sempre como inferior e que todo negro é marginalizado, se declarar pardo se tornou a alternativa menos dolorosa. Ainda que a sociedade brasileira seja fruto da miscigenação dos povos africanos, europeus e indígenas, no Brasil, o que é considerado é o tom da pele. Então, possivelmente, a proporção da população preta apresentada pelo instituto de pesquisa, na localidade de São Francisco do Conde, não corresponda à realidade e o percentual de pretos seja maior que 49,9%.

### 3.2 DISTRIBUIÇÕES DE RENDA DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

São Francisco do Conde tem sua história econômica baseada em duas trajetórias: o cultivo de açúcar que predominou no período colonial, a partir de 1550; e o petróleo que se constitui como a atividade econômica predominante desde 1950 até os dias de hoje (Sansone, 2006). Portanto, contemporaneamente, grande parte de sua economia e PIB devem-se à arrecadação municipal de impostos ligados à produção e refino de petróleo pela refinaria Landulpho Alves (RLAM), situada em Mataripe, distrito de São Francisco do Conde. Após a sua construção, formou-se uma classe operária com pescadores e agricultores da região. Iniciou-se, assim, o novo ciclo econômico, com o desenvolvimento industrial do refino de petróleo. Sua área de 6,4 quilômetros quadrados é responsável pela contribuição de 75 milhões de Reais por ano de ICMS, que equivale a 80% da arrecadação do Município. (Wikipedia, 2024). Isso faz de São Francisco do Conde uma das mais ricas cidades por PIB per capita. Porém, foi durante o mandato do presidente da república Jair Messias Bolsonaro, em 24 de março de 2021, que o conselho da Petrobras aprovou a venda da RLAM para *Mubadala Investment Company* dos Emirados Árabes Unidos.

Conforme já declarado anteriormente, a população do município, de acordo com o último censo em 2022, é de 38.733 pessoas. A densidade demográfica é de 143,61 habitantes por quilômetro quadrado. Em sua pirâmide etária o maior índice é de 1883 mulheres, para 1579 homens, de idade entre 40 e 44 anos (IBGE, 2022), conforme evidenciado pela figura 08:

**Figura 8 - Pirâmide Etária de São Francisco do Conde**



Fonte: IBGE cidades<sup>9</sup>

O salário médio mensal dos trabalhadores formais declarados corresponde a 5,7 salários-mínimos. Comparados com outros municípios, o salário do município ocupa o 4º lugar no país, o 1º lugar no estado e 1º lugar nas regiões próximas imediatas. No entanto, o número de ocupados é de 8.791 pessoas, apenas 22,70% dos moradores da cidade possuem um trabalho formal. Em 2021, o PIB per capita era de R\$321. 810, 96 (IBGE, 2022).

**Figura 9 - Trabalho e rendimento da população de São Francisco do Conde (BA)**



Fonte: IBGE Cidades<sup>10</sup>

<sup>9</sup> IBGE Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-francisco-do-conde/panorama>. Acesso em: 7 maio 2024.

<sup>10</sup> IBGE Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-francisco-do-conde/panorama>. Acesso em: 7 maio 2024.

Contudo, deve-se levar em consideração que os dados coletados pelo instituto de pesquisa não correspondem à realidade cotidiana do município São Francisco do Conde, em que a maioria da população é preta e pobre. O IBGE informa que a média salarial da população é superior a cinco salários-mínimos, o que corresponde, em 2024, a aproximadamente R\$7.000,00. De forma geral, subentende-se que a renda per capita da cidade é mal dividida, pois, apesar da renda obtida pelo petróleo, a cidade segue sendo subdesenvolvida. Isso torna as informações divulgadas pelo IBGE contraditórias com a realidade local, no sentido de que o número de pessoas que alcançam um salário de R\$7.000,00 é bem limitado, possivelmente relacionado a alguns poucos cargos públicos – já que a maioria da população tem renda inferior a um salário-mínimo.

Por consequência, enquanto alguns conseguem empregos bem remunerados, outros ficam marginalizados, sem acesso a novas oportunidades, reforçando ainda mais as desigualdades sociais existentes no município. Desse modo, a exploração e manutenção da desigualdade são mantidas entre gerações. Além disso, na cidade, existem variados problemas em infraestrutura, sem desenvolvimento em diversos setores como, por exemplo, saúde e educação. A população de São Francisco do Conde enfrenta vários desafios significativos e o alto índice de desemprego é um dos graves problemas enfrentados pela população.

Em uma comparação entre a densidade demográfica, trabalho, rendimento e faixa etária das cidades de São Francisco do Conde e a capital baiana, Salvador, nota-se que a capital conta com 2.417.678 de pessoas, figurando-se como a 5ª maior cidade do país em termos demográficos e a 1ª no estado (cf. figura 09). O IBGE informa que o salário mensal dos trabalhadores formais é de 3,1 salários-mínimos. Ficando, assim, em 119º no país, 5º no estado e 4º na região geográfica imediata. O número de pessoal ocupado é 913.748 pessoas, 37, 79% da população. A renda per capita em 2021 era de R\$21.706,06. (IBGE, 2022)

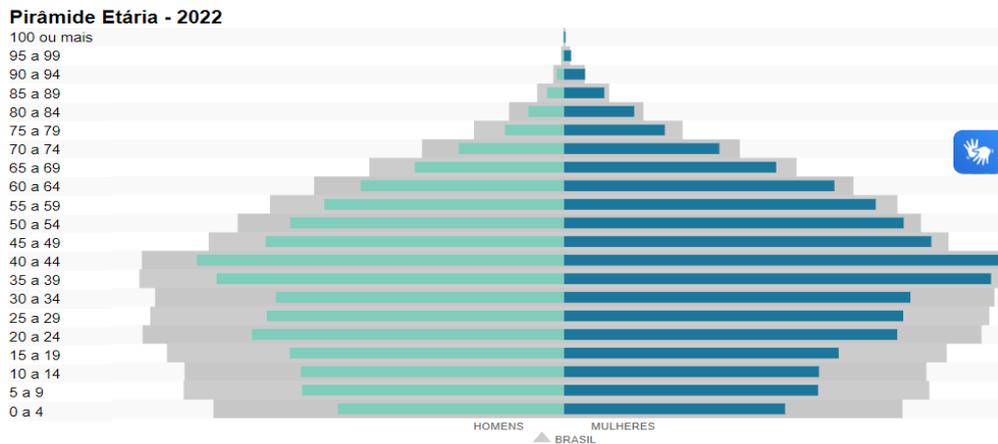
Figura 10 - Trabalho e rendimento da população de Salvador (BA)



Fonte: IBGE Cidades<sup>11</sup>

Ainda nesse comparativo, o índice de pessoas com idade de 40 a 44 anos de Salvador consta com o quantitativo de 100.495 homens e 123.965 mulheres. (IBGE, 2022). Esses números, que indicam população ativa, são bem superiores a São Francisco do Conde.

Figura 11 - Pirâmide etária de Salvador



Fonte: IBGE cidades<sup>12</sup>

Fica, portanto, nítido o contraste entre Salvador e São Francisco do Conde – uma cidade pequena do Recôncavo Baiano. Esse município recebe um volume elevado de dinheiro, que

<sup>11</sup> IBGE Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/panorama> . Acesso em: 7 maio 2024.

<sup>12</sup> IBGE Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/panorama> . Acesso em: 7 maio 2024.

informa que os ocupados do município recebem o salário médio de 5,7 salários-mínimos, em comparação com o desenvolvimento da capital baiana, que é maior em densidade e números de habitantes, mas que está em 5º lugar no estado da Bahia com sua média salarial de 3,1 salários-mínimos. A pobreza vista em São Francisco do Conde não se justifica!

### 3.3 PROJETOS SOCIAIS EM SÃO FRANCISCO DO CONDE

Os auxílios sociais desempenham um papel crucial na mitigação da desigualdade social, embora não eliminem completamente essas desigualdades. Na tentativa de suavizar a realidade precária vivenciada pelo povo franciscano, os governantes criam os chamados projetos sociais. Nessa perspectiva, analisaremos dois programas existentes em São Francisco do Conde com a mesma finalidade. Em 27 de agosto, o site Bahia política (2024) publicou uma matéria sobre o programa social existente em São Francisco do Conde com o seguinte título: “SFC; Pão na mesa, o maior programa social da história”. “Em todo território nacional, esse é o maior programa de transferência de renda criado por um município”. O projeto é um programa que se resume em depositar uma determinada quantia em dinheiro para os beneficiários do programa.

Figura 12 - Programa social Pão na Mesa

## Programa Social – Pão na Mesa



Fonte: Portal de São Francisco do Conde<sup>13</sup>

O projeto social foi criado em 2009, mas antes era chamado de Programa de Assistência Social (PAS), durante a gestão da falecida prefeita Rilza Valentim, inicialmente com 500 beneficiários. Passando pela gestão de Evandro Almeida, desde então, os números só

<sup>13</sup> Portal de São Francisco do Conde. Disponível em: <https://saofranciscodoconde.ba.gov.br/pao-na-mesa/>. Acesso em: 15 maio 2024.

umentaram. Com a nova gestão do prefeito Antônio Carlos Vasconcelos Calmon, passou a se chamar “Pão na mesa”. As diretrizes do programa citadas pelo site na postagem dizem:

Fortalecer as políticas públicas de Assistência Social e de Direitos Humanos, assegurando o acesso a Assistência Social para o enfrentamento de desigualdades e combate à pobreza, promoção da equidade, proteção social aos segmentos em situação de vulnerabilidade e ou risco social visando a melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento humano. (Bahia Política, 2024)<sup>14</sup>

Para fazer parte do programa, o beneficiário precisa se encaixar em determinados critérios de avaliação, como por exemplo: morar no município há no mínimo cinco anos e que a renda familiar não ultrapasse o valor de R\$300,00 além de estar cadastrado no CADÚNICO. No entanto,

As famílias que atendam o requisito previsto no inciso I do art. 3º da Lei nº 691/2022 – que criou o programa, mas se encontrem em situação de vínculos fragilizados e com segurança de renda comprometida, por interferência de situações de violação de direito, devidamente atestado pelo Sistema de Garantia de Direitos instalado no Município. (Bahia Política, 2024)

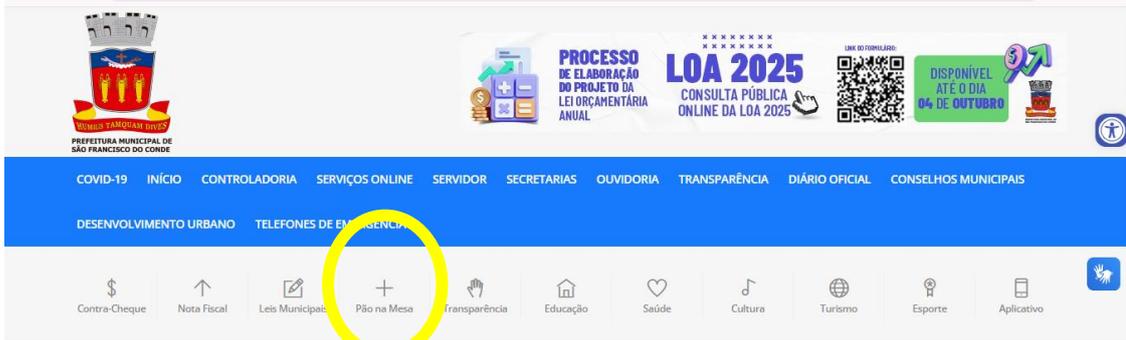
As famílias contempladas após todo processo de documentação, recebem a visita das assistentes sociais do projeto. Passam a receber um valor em dinheiro que varia de 400 a 600 reais, além do pagamento do 13º relativo ao valor recebido. Entretanto, o projeto não ampara toda população pobre da cidade e muitas pessoas não são assistidas. Além disso, os beneficiários do programa ficam condicionados ao programa e alienados. De acordo com Freire (1987, p. 32), “até o momento em que os oprimidos não tornem consciência das razões de seu estado de Opressão “aceitam” fatalistamente a sua exploração”.

Isso posto, o benefício não erradica a desigualdade, pelo contrário, a mantém. Dessa maneira, o que era para ser uma ajuda no orçamento familiar, acabou se tornado objeto de dominação e poder. De tal forma que os políticos usam esses benefícios sociais como estratégia de manipulação política para se manter no poder. Isso pode ser constatado pelo fato de que o programa *Pão na mesa* é de tal importância na cidade que está em destaque na página do portal da cidade (cf. figura 12), contando com um menu específico para ele.

---

<sup>14</sup> Bahia Política. Disponível em <https://bahiapolitica.com.br/sfc-pao-na-mesa-o-maior-programa-social-da-historia/>. Acesso em 15 de maio de 2024

**Figura 13** - Ícone do Programa Pão na Mesa no site da Prefeitura



Fonte: Portal de São Francisco do Conde<sup>15</sup>

Para termos uma ideia da dimensão do Programa Pão na Mesa, e fazer uma comparação, em janeiro de 2023, por exemplo, o número de beneficiários era aproximadamente 4.815. Em janeiro de 2024, ano de eleição municipal, o número de beneficiários passou a ser de aproximadamente 5.217 pessoas. Houve um aumento de cerca de 402 pessoas que recebem todo mês os valores entre 400 e 600 Reais do município. (Portal de São Francisco do Conde, 2024).

Outro programa de grande relevância para a cidade é o PROUNIFAS (cf. figura 13). Trata-se do Programa de Apoio aos Universitários Franciscanos e tem por finalidade garantir o acesso, permanência e conclusão do Ensino Superior, por meio da concessão de apoio financeiro aos estudantes regularmente matriculados em cursos ofertados por instituições públicas e privadas de ensino superior. Dessa forma, são concedidas bolsas integrais e parciais, conforme critérios estipulados pela **Lei Municipal N° 296/2013** de junho de 2013. O valor do benefício desse programa, cuja última atualização dos dados foi em 2019, era de no máximo 595 reais, no caso de estudantes matriculados em instituições públicas. O valor da bolsa corresponde a 70% do valor máximo do benefício. (Portal São Francisco do Conde).

**Figura 14** - PROUNIFAS



Fonte: Portal São Francisco do Conde<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Portal de São Francisco do Conde. Disponível em <https://saofranciscodoconde.ba.gov.br/> Acesso em: 15 maio 2024.

<sup>16</sup> Portal de São Francisco do Conde. Disponível em <https://saofranciscodoconde.ba.gov.br/prounifas>. Acesso em: 15 maio 2024.

A última inscrição nesse programa foi realizada de 29 de janeiro a 02 de fevereiro de 2024. Contudo, há um descaso com os estudantes, pois o benefício que deveria ser pago mensalmente e de forma regular, similarmente ao do Programa Pão na Mesa, é constantemente atrasado e os estudantes passam por constantes constrangimentos nas instituições privadas. Além disso, são frequentes as reclamações dos estudantes sobre o transporte oferecido. Ademais, na página do Portal da prefeitura sobre o programa não há destaque e nem informações mais específicas, como por exemplo, o número de beneficiários do programa.

Dessa forma, podemos refletir: por qual motivo o Programa Pão na Mesa é um projeto mais divulgado e celebrado pela prefeitura do que o PROUNIFAS se ambos têm o mesmo objetivo que é melhorar a vida das pessoas e diminuir as desigualdades sociais? Reduzir as desigualdades educacionais melhora as perspectivas de futuro para os jovens e adultos e ainda ajuda a quebrar ciclos intergeracionais de pobreza. Sendo assim, o incentivo à educação e à ampliação dos letramentos e autonomia dos municípios não seriam os caminhos necessários para diminuir as desigualdades e condições de vida dos habitantes do município? Quais seriam os motivos pelos quais um Programa recebe muito mais atenção e divulgação do que o outro? Qual a justificativa para manter pessoas dependentes de auxílios sociais? Corroborando com esta reflexão, Freire (1987, p. 8) afirma que “[...] os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça [...]”. Embora os benefícios ajudem a aliviar a pobreza imediata, podem não resolver problemas subjacentes como desigualdade de oportunidades por falta de ampliação de conhecimento e formação, discriminação e falta de infraestrutura existente na cidade. Ainda Freire (1987):

[...]. As elites dominadoras de hoje, como as de todos os tempos, continuam precisando da conquista, como uma espécie de “pecado original”, com “pão e circo” ou sem eles. Os conteúdos e os métodos da conquista variam historicamente, o que não varia, enquanto houver elite dominadora, é esta ânsia necrófila de oprimir. (Freire, 1987, p. 105)

Sua observação é bastante pertinente. As elites dominantes, ao longo da história, muitas vezes buscaram formas de conquistar e manter o poder e isso pode ser visto como uma espécie de “pecado original” em termos de comportamento político e social. Logo, esse desejo de conquista pode manifestar-se de várias formas, desde a expansão territorial e a subjugação de povos até o controle econômico e a manipulação cultural.

A expressão “pão e circo” refere-se a uma estratégia usada por líderes romanos antigos para manter a população satisfeita e distraída, oferecendo alimento e entretenimento, ao invés

de abordar questões sociais e políticas profundas. Esse conceito ainda é relevante hoje em dia, pois muitas elites podem usar mecanismos semelhantes para garantir a estabilidade social e a aceitação de suas políticas, muitas vezes, desviando a atenção das questões estruturais e das desigualdades existentes. Mesmo que sem essas distrações explícitas, o desejo de controle e a necessidade de legitimar o poder são características persistentes. Dessa forma, as elites podem buscar justificar sua posição através de narrativas que reforçam a sua autoridade, criar sistemas econômicos que perpetuem sua posição, ou promover ideologias que sustentem sua dominância. Em muitos casos, essa busca por controle pode se manifestar através da manipulação da mídia, das instituições educacionais e das políticas públicas. A dinâmica de poder e de controle são complexas e evoluem com o tempo, mas a tendência de buscar e manter a dominância é um padrão que se repete através das eras.

Em suma, os auxílios sociais são ferramentas importantes para aliviar a pobreza e promover a equidade, mas não substituem a necessidade de políticas abrangentes para enfrentar as causas estruturais da desigualdade. Para uma redução mais eficaz e sustentável da desigualdade, é essencial combinar auxílios sociais com estratégias de desenvolvimento econômico, acesso igualitário à educação e à saúde, e políticas que promovam a inclusão social e econômica.

## 4 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos como foi feita a coleta de dados necessários para realizar esta análise. Inicialmente, elucidaremos qual foi o tipo de pesquisa aplicada neste trabalho e sua classificação. Em sequência, demonstraremos, além dos questionários realizados e sua estrutura, também as duas autobiografias. Similarmente, o quantitativo de entrevistados será apresentado com os indicativos de idade e sexo.

### 4.1 PESQUISA QUALITATIVA

De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 43), “a pesquisa científica é a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação”. Sendo assim, tem como objetivo encontrar respostas para determinadas questões mediante a aplicação de determinado método científico. Dessa forma, a pesquisa qualitativa é um método de investigação que busca entender e interpretar fenômenos sociais e culturais em profundidade. Diferentemente da pesquisa quantitativa, que se foca em medir e quantificar variáveis, a pesquisa qualitativa se concentra em explorar experiências, percepções e significados atribuídos pelos indivíduos. Ademais, a pesquisa qualitativa visa entender o “como” e o “porquê” dos fenômenos, explorando aspectos como sentimentos, pensamentos e contextos sociais. O objetivo é obter uma compreensão profunda e rica dos fenômenos estudados, indo além de simples descrições.

Nesse caso, a metodologia aplicada nesta pesquisa é a qualitativa. Logo, a pesquisa qualitativa é mais adequada em várias situações específicas, especialmente quando o objetivo é explorar em profundidade fenômenos complexos e entender aspectos subjetivos da experiência humana. No que concerne à metodologia, portanto, a presente pesquisa foi desenvolvida da seguinte forma: pesquisa bibliográfica para embasamento teórico, a partir da leitura de autores como Freire (1987, 1996), Marcuschi (2001), Durante (1997), Rojo (2009), Street (2014); coleta de dados em sites; entrevistas com questionário prévio; e elaboração de autobiografias

A pesquisa bibliográfica é um método de investigação que consiste na coleta, análise e síntese de informações e conhecimentos já existentes sobre um determinado tema. O objetivo principal é obter uma compreensão mais profunda do estado atual do conhecimento sobre um determinado assunto. Ou seja, Prodanov e Freitas (2013, p. 54), além de Gil (2002, p.44),

caracterizam pesquisa bibliográfica quando elaborada a partir de material já publicado, além disso, devemos atentar à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente.

O conhecimento científico difere dos outros tipos de conhecimento por ter toda uma fundamentação e metodologias a serem seguidas, além de se basear em informações classificadas, submetidas à verificação, que oferecem explicações plausíveis a respeito do objeto ou evento em questão. (Prodanov, Freitas, 2013, p. 22)

A pesquisa bibliográfica é uma ferramenta essencial, pois permite a coleta e análise de informações já existentes para fundamentar novas investigações, oferecer uma compreensão mais profunda de um tema e identificar áreas que necessitam de mais exploração. É uma etapa crucial em muitas pesquisas, especialmente quando se busca situar um estudo dentro do contexto mais amplo do conhecimento já disponível.

No que se refere ao objetivo da pesquisa, o presente estudo de caráter descritivo busca fazer análise de indicadores socioeconômicos que são aplicáveis à realidade da cidade de São Francisco do Conde, de modo a identificar os principais problemas e impactos decorrentes. Assim, expor os índices torna visível o problema ou constrói as hipóteses necessárias para melhor compreensão dos fatos. Conforme Gil (2002, p. 31), “a hipótese é a proposição testável que pode vir a ser a solução do problema.”

## 4.2 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participantes de pesquisa são indivíduos que contribuem com dados e informações para um estudo. Eles são essenciais para a coleta de dados empíricos, permitindo que pesquisadores testem hipóteses, desenvolvam teorias e avancem o conhecimento em diversas áreas. Assim, para elaboração deste trabalho, foram realizadas entrevistas com estudantes, trabalhadores informais e universitários.

### 4.2.1 Os estudantes

De forma geral, foram entrevistados três (3) estudantes do 3º ano do Ensino Médio, com idades entre 17 e 18 anos, matriculados no Colégio Estadual Martinho Salles Brasil, localizado no município de São Francisco do Conde. A seleção dos participantes se deu por conveniência, respeitando critérios de acessibilidade e disponibilidade. Os questionários abordaram temas como rotina escolar, dificuldade de acesso à educação, percepção sobre leitura e escrita, e

perspectiva de futuro. Em geral, todos os entrevistados autorizaram a participação e o uso das informações para fins desta pesquisa. A escolha dos alunos do Ensino Médio da escola em questão se justifica pela intenção de compreender como jovens em fase de conclusão da educação básica percebem o sistema educacional e suas possibilidades profissionais. Neste sentido, as respostas revelaram percepções marcadas por sentimentos ambíguos de frustração diante das limitações estruturais do sistema público de ensino e, ao mesmo tempo, esperança em relação à educação como meio de transformação social. Além disso, muitos alunos relatam que o currículo escolar não dialoga com suas realidades e interesses e nem oferece habilidades práticas para a vida cotidiana e profissional.

A pressão para obter boas notas e se destacar em exames de admissão intensa gera níveis elevados de estresse e ansiedade entre os estudantes. Esse fato é agravado por uma relação distante com os professores. Esses são fatores significativos que comprometem o engajamento com os estudos. A falta de apoio ou a sensação de que os professores não entendem suas necessidades pode levar a uma percepção mais negativa.

O ambiente social na escola também é importante. Para muitos alunos, a escola é um lugar fundamental para a socialização e o desenvolvimento de habilidades interpessoais. Problemas como bullying ou uma sensação de exclusão podem impactar negativamente a percepção que têm da escola. Conseqüentemente, muitos alunos em escolas públicas enfrentam desafios socioeconômicos significativos que podem impactar seu comportamento e desempenho escolar. Fatores como a falta de recursos em casa, insegurança alimentar e dificuldades financeiras podem afetar a concentração e o engajamento na escola.

A qualidade da infraestrutura e dos recursos disponíveis nas escolas públicas pode variar bastante. Em algumas áreas, a falta de materiais didáticos, infraestrutura precária e condições de sala de aula inadequadas podem contribuir para um ambiente menos propício ao aprendizado e ao comportamento adequado. Por outro lado, os problemas de indisciplina ou desinteresse podem ser mais evidentes em algumas escolas públicas, mas isso não é um reflexo universal. Muitas vezes, esses comportamentos estão associados a fatores como a falta de motivação, problemas pessoais ou familiares e questões relacionadas ao ambiente escolar. Por isso, a motivação dos alunos em ampliar seus conhecimentos pode variar.

Problemas sociais e comunitários, como violência e insegurança, podem ter um impacto direto no comportamento dos alunos. Logo, esses comportamentos refletem diretamente dentro da escola. Nesta perspectiva, é importante frisar que o acesso a serviços de apoio psicossocial e orientação podem ser limitados em algumas escolas públicas, o que pode impactar o

comportamento dos alunos. Programas de apoio emocional e psicológico são importantes para ajudar os alunos a lidarem com dificuldades e promover um ambiente escolar mais positivo.

Embora esses pontos forneçam uma visão geral, é crucial reconhecer a diversidade dentro das escolas públicas e entender que cada instituição e aluno têm uma experiência única. Melhorias em políticas públicas, infraestrutura escolar e suporte aos alunos são fundamentais para abordar esses desafios e promover um ambiente educacional mais positivo e eficaz.

#### **4.2.2 Os mototaxistas: trabalhadores informais de São Francisco do Conde**

Os mototaxistas desempenham um papel significativo no transporte urbano, especialmente em áreas onde o transporte público tradicional pode ser limitado ou ineficiente. Em regiões com altos índices de desemprego, oportunidade limitada ou onde há poucos empregos formais disponíveis, como é o caso de São Francisco do Conde, o trabalho de mototáxi passou a ser uma alternativa viável e uma solução prática para garantir uma fonte de renda.

Comparado a outras profissões, começar a trabalhar como mototaxista geralmente requer menos investimento inicial. Dessa forma, as barreiras para entrar na profissão podem ser menores, facilitando a adesão ao mercado de trabalho para quem tem um capital limitado. Contudo, muitos mototaxistas valorizam a autonomia que vêm com o trabalho, preferindo ser seus “próprios chefes”, em vez de trabalhar para outras pessoas. Isso torna essa opção mais atraente, enquanto outros podem não ter nenhuma opção.

Nesse contexto, em algumas regiões, a profissão de mototáxi pode ter um lugar estabelecido na cultura local e ser uma escolha comum entre os moradores. Ainda que optar por trabalhar como mototaxista é frequentemente uma decisão motivada por uma combinação de necessidade financeira, oportunidades limitadas e a busca por uma forma de trabalho que se ajuste às circunstâncias pessoais e familiares, é uma escolha que, apesar de ser desafiadora, oferece uma solução prática e acessível para muitos que enfrentam dificuldades econômicas ou precisam de flexibilidade para buscar outra renda complementar. Além disso, os mototaxistas desempenham um papel vital em muitas comunidades, oferecendo uma alternativa prática de transporte e criando oportunidades econômicas para muitos indivíduos. No entanto, como em qualquer setor, é importante abordar os desafios relacionados à regulamentação, segurança e condições de trabalho para garantir um ambiente mais seguro e eficiente para todos os envolvidos.

### 4.2.3 Autobiografia

Uma autobiografia é um relato da vida de uma pessoa escrito por ela mesma. É um gênero literário no qual o autor descreve e reflete sobre suas experiências, pensamentos, sentimentos e eventos importantes que moldaram sua vida. Logo, é uma narrativa pessoal que cobre a vida do autor desde o nascimento até o momento presente ou até um ponto específico no tempo. Assim, o objetivo pode variar, incluindo o desejo de compartilhar experiências pessoais, refletir sobre a própria vida, influenciar a opinião pública ou deixar um legado para as futuras gerações.

Geralmente, segue uma linha do tempo cronológica, mas também pode adotar uma estrutura não-linear, focando em temas específicos ou períodos importantes, pois, incluem detalhes sobre a infância, adolescência, vida adulta, relacionamentos, conquistas, desafios e eventos significativos. Além de narrar eventos, o autor frequentemente oferece reflexões e análises pessoais sobre esses eventos e seu impacto.

A autobiografia permite ao autor explorar e entender melhor suas próprias motivações, sentimentos e pensamentos ao revisar e refletir sobre sua vida. A escrita pode levar a uma maior autoconsciência e compreensão pessoal. Dessa maneira, as autobiografias não apenas oferecem uma visão pessoal e íntima do autor, mas também proporcionam contexto histórico e cultural sobre a época e o ambiente em que o autor viveu.

As autobiografias não apenas oferecem uma visão pessoal e íntima do autor, mas também proporcionam contexto histórico e cultural sobre a época e o ambiente em que o autor viveu. Ademais, a autobiografia é uma ferramenta poderosa para a autoexpressão e a compreensão pessoal, além de oferecer uma janela para a vida e experiências de uma pessoa para o público. “O exemplo disso são alguns autores que escreveram autobiografias famosas como: O Diário de Anne Frank” (Anne Frank), “Longa Caminhada para a Liberdade” (Nelson Mandela), e “Eu Sei Porque Canta o Pássaro na Gaiola” (Maya Angelou).

## 4.3 ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Em São Francisco do Conde, existem duas escolas de Ensino Médio mantidas pelo governo do Estado, mas o questionário foi aplicado apenas em uma delas, a qual fica situada na sede do município (a outra está localizada em um bairro mais afastado, denominado Caípe de Baixo). Em relação à escola, é importante destacar que o Colégio Estadual Martinho Salles Brasil, neste momento, vem passando por uma problemática com alunos que vivem em

constantemente conflitos internos com professores e colegas, desmotivados e com notas baixas. Os conflitos e a desmotivação nas escolas públicas são questões complexas e multifacetadas que podem ser influenciadas por uma série de fatores relacionados à falta de recursos, instalações inadequadas e manutenção deficiente. Além da falta de um ambiente seguro e acolhedor, relações tensas ou desiguais entre professores e alunos podem contribuir para conflitos e desmotivação entre alunos e professores.

Vale lembrar que os/as alunos/as que responderam ao questionário se encaixam no perfil típico da população franciscana nesta faixa etária. O objetivo era buscar informações sobre as suas perspectivas futuras relacionadas à continuação dos estudos após o término do Ensino Médio. Segundo Freire (1987, p. 73), “a investigação da temática, repitamos, envolve a investigação do próprio pensar do povo.”

A princípio foram feitas perguntas mais diretas relativas a nome, idade, onde mora e série. Mas o método de entrevista se deu a partir de uma conversa informal. Assim sendo, por mais que a entrevistadora tivesse elaborado um roteiro prévio, ela se sentia com liberdade para reagir às respostas dos entrevistados e elaborar uma pergunta contextual, que não estava prevista *a priori*. Entre as principais perguntas, destacam-se a busca por informações sobre a opinião em relação à escola, à motivação a um futuro curso universitário, à educação de qualidade no município, ao suporte para preparação para o Enem e concursos públicos, ao incentivo de cursos técnicos para jovens da cidade e à falta de iniciativas de projetos para a população jovem. Por meio do quadro 01, é possível acompanhar as principais perguntas.

**Quadro 1** - Principais perguntas feitas para os/as estudantes

4- Você se sente motivado a vir para esta escola? Por quê?
6- Você se sente motivado a buscar outras oportunidades de trabalho quando você sair do Ensino Médio?
7- Você pretende fazer um curso universitário? Qual?
8- Você considera o ensino de São Francisco do Conde um ensino de qualidade? Por quê?
9- São Francisco do Conde oferece algum suporte para os alunos depois que saem do Ensino Médio, por exemplo, curso técnico ou pré-vestibular ou curso preparatório para o Enem?
10- Você se considera preparada para fazer a prova do Enem ou um concurso público? Por quê?
11- Em sua opinião, os jovens de São Francisco do Conde levam o ensino a sério? Por quê?
13- O município oferece um suporte de aprendizado para você fazer o Enem ou uma prova de concurso, tipo um pré-vestibular ou cursinho preparatório para o Enem?
14- Você frequentaria uma universidade depois que você concluir o Ensino Médio?
15- Em sua opinião, o que pode mudar em relação aos estudos dos jovens aqui no município?
16- Você acha que o governo e o município poderiam incentivar os alunos, criando cursos e outros projetos para os jovens da cidade?
17- Tendo uma Universidade na cidade, você se sente motivada a fazer algum curso que ela oferece?

Fonte: elaboração própria.

Como visto, os mototaxistas são os profissionais informais que oferecem serviços de transporte de passageiros utilizando motocicletas. Eles precisam obter uma licença específica para operar, que pode incluir exames de condução e requisitos de segurança como o capacete. Em São Francisco do Conde, em sua maioria, consistem em homens desempregados que trabalham de forma irregular, sendo essa ocupação a sua única fonte de renda. Em situações de insegurança econômica, indivíduos podem iniciar uma ocupação informal como uma forma de sobrevivência. Sendo assim, o questionário tem como objetivo compreender a razão para o crescente número de jovens mototaxistas na cidade, sendo que eles se encontram em idade escolar. Igualmente, as perguntas ocorreram de maneira mais informal, variando em função das respostas dos mototaxistas. Além do nome, da idade, também buscamos informações como o motivo da escolha dessa ocupação, se ainda frequentavam escola, se concluíram o Ensino Médio, se eram legalizados (cf. quadro 02).

**Quadro 2** - Principais perguntas feitas para os (as) mototaxistas

2- Atualmente, você está estudando? Se não está, você parou em que série?
3- E o que te fez decidir trabalhar como mototáxi?
4- Desde quando você está nessa ocupação de mototáxi?
5- Você planeja buscar alguma outra profissão diferente da que você tem hoje?
6- Qual profissão?
7- Aqui na cidade oferece algum curso técnico para você ter outra profissão?
8- Você acredita que a escola poderia oferecer novas oportunidades de vida para você?
10- Você vê a escola como referencial de mudança de vida para você sair daqui do mototáxi, continuar estudando e conseguir um emprego melhor?
7- Você já trabalhou na cidade de São Francisco do Conde de carteira assinada ou contrato?

Fonte: elaboração própria.

Em relação às autobiografias, destaca-se que as duas são de mulheres negras, naturais da cidade de São Francisco do Conde. Roseane, 45 anos, graduanda em Letras pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês; e Joisilene, 35 anos, mestra e doutoranda em Biodiversidade e Evolução pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). O objetivo dessas autobiografias é o de entender como a ampliação do letramento mudou a vida dessas pessoas, uma vez que a conquista de um diploma pode ser uma fonte significativa de satisfação e realização pessoal. Principalmente para muitos adultos, é uma forma de atingir satisfação, realização e metas pessoais e acadêmicas que podem ter sido adiadas anteriormente. Além disso, concluir uma graduação pode servir de exemplo para seus filhos, mostrando a importância da educação e incentivando-os a seguir o mesmo caminho.

Por analogia, a graduação desempenha um papel significativo na vida de jovens e adultos, oferecendo uma série de benefícios que impactam tanto o desenvolvimento pessoal quanto às oportunidades profissionais. A graduação pode abrir portas para uma gama mais ampla de oportunidades profissionais e geralmente está associada a salários mais altos e melhores condições de vida.

Contribuíram para a nossa pesquisa um total de oito (08) pessoas, negras, moradoras de São Francisco do conde, com faixa etária de 17 a 45 anos. Sendo três (03) do gênero masculino e cinco (05) do gênero feminino. O quadro abaixo especifica idade e ocupação de cada entrevistado.

**Quadro 3** - Informações sobre os participantes da pesquisa

<b>Entrevistados</b>	<b>Idade</b>	<b>Onde nasceram</b>	<b>Ocupação</b>
D1	17 anos	S. Franc.do Conde	Estudante
D2	17 anos	S. Franc. do Conde	Estudante
D3	17 anos	S. Franc. do Conde	Estudante
M1	25 anos	S. Franc. do Conde	Mototaxista
M2	24 anos	S. Franc. do Conde	Mototaxista
M3	24 anos	S. Franc. do Conde	Mototaxista
A1	35 anos	S. Franc. do Conde	Prof. <sup>a</sup> . de Biologia
A2	45 anos	S. Franc. do Conde	Graduanda de letras

Fonte: elaboração própria.

Em suma, a nossa pesquisa foi construída baseando-se em coleta em sites de dados públicos e fundamentais para a contextualização da pesquisa socioeconômica do município, que possibilitasse o comparativo entre os dados, a fim de fomentar um maior entendimento sobre a realidade local. Além de entrevistas com três (03) estudantes negras, denominados de (D1, D2, D3), três (03) mototaxistas negros do sexo masculino denominado de (M1, M2, M3) e duas (02) autobiografias denominadas de (A1, A2); com uma graduanda e uma doutoranda na área de Biologia. Ou seja, estudantes que estão finalizando o Ensino Médio para entender suas perspectivas de futuro na ampliação dos letramentos. Também, os mototaxistas que estudavam, porém por algum motivo, interromperam a ampliação dos letramentos. Ademais, há também uma autobiografia de uma mulher negra na faixa etária de trinta e cinco (35) anos que não teve a interrupção da ampliação dos letramentos e continuou avançando nos estudos e na profissão. E uma autobiografia de uma mulher negra na faixa etária de quarenta e cinco (45) anos que completou o Ensino Médio em 1995. Contudo, por diversas situações interrompeu a

ampliação dos letramentos, retornando aos estudos, vinte e nove (29) anos depois. Sendo assim, essas situações retratam a realidade vivenciada por algumas mulheres jovens que muitas vezes nem terminam o Ensino Médio e não retornam mais para escola.

## 5 PERSPECTIVAS DA AMPLIAÇÃO DOS LETRAMENTOS

Conforme foi explanado, dados da presente pesquisa foram obtidos através de dois métodos diferentes, entrevista e autobiografias. Assim sendo, as entrevistas foram direcionadas aos estudantes do terceiro (3º) do Ensino Médio e aos mototaxistas e as autobiografias produzidas pelas estudantes de nível superior, uma de graduação e outra de pós-graduação. Todos os participantes pertencem à cidade de São Francisco do Conde. A partir das análises das respostas, compreendemos as perspectivas de ampliação dos letramentos e seus impactos socioeconômicos dos três (03) eixos da pesquisa.

### 5.1 PERSPECTIVAS DE CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO

As perspectivas dos concluintes do Ensino Médio são influenciadas por diversos fatores socioeconômicos, culturais e pessoais. Para compreender a percepção dos estudantes sobre escola e outras questões futuras, inicialmente, foram feitas perguntas referentes à escola para entender o ponto de vista que os alunos têm sobre educação. Com base nos depoimentos, podemos verificar alguns pontos que desmotivam os alunos a irem para escola. Lembrando que, para manter preservada a identidade dos entrevistados, foram usados códigos (D1, D2, D3).

Quando questionados se eles se sentem motivados a ir para escola, as respostas foram:

*(D1) Não, porque eu acho que deixa a desejar muitas coisas, entendeu. Tipo assim, prática assim, vai iniciar as aulas eu acho que poderia ter mais uma motivação para os alunos quererem vir nas primeiras semanas. [...] Ah, que não vai ter aula, só vai ter discurso. Então, acaba que as pessoas de se desmotivam de vir pra escola.*

*(D2) Assim, não! Mas como eu quero o futuro eu tenho que vim né. Na minha opinião, o ensino daqui é péssimo[...].*

*(D3) É, motivada eu me sinto, mas não em si, pela escola que eu estudo. Pelas condições da escola [...] é um pouco desorganizada em relação a essa história da formação dos alunos.*

Observamos que D1 e D2 foram contundentes em afirmar que não se sentem motivadas a ir para escola, na medida em que as práticas educativas não lhes convencem. Por sua vez, D3 afirma que, mesmo sentindo vontade de frequentar as aulas, se depara com um ensino ineficiente. A falta de metodologias dinâmicas e participativas torna o ensino desinteressante. Aulas muito expositivas e descontextualizadas podem não envolver os alunos, especialmente em uma era digital, na qual o estímulo visual e interativo é constante.

Sendo assim, quando perguntados se eles se sentem motivado para buscar ampliação de letramentos que aperfeiçoem a oportunidade de trabalho após conclusão do Ensino Médio, as resposta foram:

*(D1) " Sim! Engenharia Civil".*

*(D2) " Pretendo! Pretendo começar com administração e depois ir para a direito".*

*(D3) "Sim!"*

Percebe-se que apesar do descontentamento dos alunos com a infraestrutura inadequada da escola e do ensino, eles demonstraram interesse em ampliar conhecimento em busca de uma profissão, ainda que muitos jovens optam por ingressar diretamente no mercado de trabalho após o ensino médio. Além das graduações tradicionais, muitos alunos optam por cursos técnicos ou tecnólogos de curta duração, visando a uma inserção mais rápida no mercado de trabalho.

Na perspectiva da ampliação dos letramentos e da qualidade do ensino na cidade, os alunos foram muito seguros na resposta. Quando questionados, portanto, se eles consideram o ensino em São Francisco do Conde de qualidade, as respostas foram:

*(D1) "Não, porque deixa a desejar muito, entendeu? Pra mim, eu penso assim, para a gente que está cursando o terceiro ano, que já vai se formar, eu acho que deveria ter mais oportunidade de curso e, didática pra gente poder sair buscar mais sobre o que a gente quer fazer futuramente quando sair da escola. Tipo agora mesmo, deu oportunidade ao primeiro ano que está cursando. Tem curso tudo mais, eu acho que a gente do terceiro ano deveria participar, porque a gente que vai tá saindo da escola para buscar trabalho já. Então, já seria uma motivação".*

*(D3) "Não. inclusive eu estava até me questionando sobre coisa de jovem aprendiz que em outros municípios tem e na cidade também deveria ter. Para até motivar os jovens depois de concluir seu ensino médio para poder estar trabalhando, essas coisas, e ainda não tem".*

Para D1 e D3, além de o município não oferecer um ensino de qualidade, a oferta de cursos profissionalizantes no Ensino Médio deveria ser mais ampla, para contemplar o 1º, 2º e 3º anos. Além disso, os depoimentos destacam a falta de metodologias dinâmicas e participativas que tornem o ensino mais interessante, ao mesmo tempo em que se qualificam para o mercado do trabalho.

Levando em conta a expectativa dos estudantes sobre o mercado de trabalho, quando indagadas se sentem que estão preparados para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e para concursos públicos, as respostas foram:

*(D1) "Não, porque o ensino deixou muito a desejar. Primeiro pelo fato de a gente ter estudado algumas séries né pela internet, pelo fato da doença que teve e também às vezes falta de professor, os assuntos... tipo sempre fica ah, mas você já viu isso no*

*sexto ano, ah... mas você visto no sétimo ano. Mas a gente quer ver algo além, tipo os professores estão falando agora sobre o mundo de trabalho e o Enem, eu nunca tive aula de redação nos dois anos que estudei aqui. Como é que eu vou fazer uma redação no Enem se eu nunca tive aula. Não sei nem como se monta, eu vou não vou dizer que eu não sei por que eu pesquiso sobre, entendeu. Porque quando eu tenho dúvida de uma coisa vou na internet, eu pesquiso pra procurar informar. Mas para dizer que numa na sala de aula o professor já chegou e, há uma redação é feita assim, assim, assim. Faça uma aí eu vou ver se te dá uma pontuação, nunca. Então eu não me sinto preparada pra fazer uma prova de Enem porque eu não sei fazer uma redação.”*

*(D2) “Eu me acho, eu consigo se eu estudar por mim mesmo. Se eu correr atrás, assistir vídeo aula, mas se tratando da escola como os ensinamentos que tem na escola eu acho que eu não conseguiria não”.*

*(D3) “Não, porque muita aula vaga, não tem tipo, a gente não está tendo muito aquilo tipo, professor chega na sala e fala vocês precisam fazer o Enem. Mas eu não vejo muito eles se dedicando em explicar a gente em relação a assuntos do Enem, entendeu?”.*

Podemos observar que os alunos ressaltam fatores importantes e interligados que afetam o desempenho escolar. Logo, fatores como a pandemia, o déficit de professores, a defasagem de conteúdos, a falta de percepção dos professores sobre a aprendizagem dos alunos, falta de materiais didáticos de qualidade, conteúdos pouco aprofundados dificultam o desempenho dos alunos em vestibulares, Enem e concursos. Por consequência, isso leva à percepção de que a escola não está preparando-os adequadamente para os desafios do mundo real. Desse modo, os alunos que enfrentam dificuldades de aprendizagem ou que constantemente obtêm resultados insatisfatórios nas avaliações podem desenvolver uma visão negativa sobre si mesmos como aprendizes. Isso afeta sua motivação para continuar tentando.

Levando em conta a relação dos alunos com a escola e a preocupação em relação ao seu próprio aprendizado, uma pergunta foi direcionada ao comportamento dos alunos para saber se se consideravam comprometidos com seus aprendizados para realizar o Exame Nacional do Ensino Médio, ao que responderam:

*(D1) “Não, porque eles acham que tipo assim, eles acham que o mundo é fácil né. Aí para ele estudar pronto tô livre. Mas aí entra a labuta do trabalho, tudo, e agora com essa nova lei de Jerônimo aí que ninguém pode perder. Aí que as coisas vai ficar russa mesmo. Porque já tinha porcentagem, de se você tem tal porcentagem de faltas você tem sua matrícula cancelada. Isso já era um impulso, para mim era uma coisa boa porque as pessoas já não iam estudar porque não queria perder a matrícula. Mas agora, há para que eu vou estudar se Jerônimo vai me passar? Como é que uma pessoa vive assim? Eu estou vindo para a escola só para dizer que estou vindo mesmo sabendo que final de ano se eu não fizer nada, eu vou passar”.*

*(D2) “Não, a maioria não. Eles ficam no corredor jogando dominó, não entra na sala, fica desrespeitando o professor, não faz as atividades, não participa de nada, vem por vim mesmo”.*

*(D3) “Eu vejo a maioria dos alunos desmotivados. Porque infelizmente a gente tá numa geração que a maioria dos jovens não quer nada com nada. Até me preocupa às vezes com a Futura geração, porque pelo que eu vejo aqui na escola. [...] muitos*

*alunos filam aula ou só vai para bagunçar, atrapalhar o professor. Tem muitos aí, que já está na segunda semana de aula e não entrou na sala nenhuma vez”.*

Dito isto, podemos analisar algumas informações importantes que foram citadas. Uma delas refere-se ao comportamento dos alunos que interfere significativamente no aprendizado. Dessa forma, quando os estudantes não conseguem enxergar a relevância do aprendizado para suas vidas, seja no pessoal ou no profissional, o desinteresse e a falta de motivação tendem a prevalecer. Além disso, em função da falta de expectativa de futuro dos alunos, especialmente em contextos de vulnerabilidade socioeconômica, não conseguem visualizar um futuro promissor por meio da educação, pois veem exemplos próximos de pessoas que não tiveram sucesso mesmo após concluir a escola ou a universidade. Ademais, quando os estudantes não conseguem ver valor na educação, eles se tornam mais propensos a ter comportamentos desajustados com professores, colegas, funcionários e, por fim, abandonam a escola, seja para trabalhar ou simplesmente para evitar o ambiente escolar. Sinteticamente, em muitos casos, a falta de educação perpetua ciclos de exclusão e pobreza, especialmente em comunidades já vulneráveis, onde as oportunidades são limitadas.

Outra informação importante são as políticas e práticas pedagógicas elaboradas para diminuir os índices de reprovação no país como, por exemplo, a aprovação automática que se difere da progressão continuada criada por Paulo Freire em que o aluno constrói conhecimento em fases progressivas, constituídas por ciclos de três anos, muito embora ambos os conceitos foram tomados como sinônimos. No senso comum da educação contemporânea, os alunos entendem que, com a aprovação automática, eles não precisam mais estudar, pois não existe reprovação. No entanto, apesar das “boas intenções”, em não reprovar alunos, essa política enfrenta diversos problemas práticos que afetam a qualidade do ensino e a aprendizagem dos alunos. Por conseguinte, o resultado é o aluno com baixa proficiência em leitura e escrita. Sendo assim, muitos alunos chegam ao final do ensino fundamental ou médio com deficiências graves em disciplinas essenciais, como matemática e português, gerando desmotivação e até a evasão escolar que contribui para os altos índices de cidadãos com baixa escolaridade.

Com a falta de acompanhamento, reforço e recuperação dos alunos nas matérias que reprovaram após cada ciclo, a progressão continuada acabou sendo transformada em aprovação automática. O que dá aos alunos a falsa impressão de que poderão continuar avançando sem se dedicar, deixando-os despreparados para a realidade fora da escola. Assim, os alunos de famílias mais vulneráveis, que já enfrentam dificuldades como falta de apoio em casa e/ou de acesso a recursos educacionais, são os mais prejudicados. Portanto, sem base necessária, os

alunos das escolas públicas encontram um grau elevado de dificuldade para competir em exames como o Enem, vestibulares e até mesmo uma vaga de trabalho.

Na prática, muitas escolas não têm infraestrutura, recursos ou profissionais suficientes para oferecer esse apoio diferenciado e contínuo para que a progressão continuada seja eficaz. Por isso, foi lhes perguntado se haveria algum benefício para os estudantes essa forma de progressão automática do jeito que tem sido realizada nas escolas. As respostas foram:

*(D1) “Não, pra mim, ele só está prejudicando mais. O estudo já não está bom, com a situação dessa que eu estudo se eu quiser, eu vou pra escola se eu quiser, porque final de ano eu passo, piorou a situação. Eu vou chegar lá na frente e vou fazer uma faculdade, vou fazer faculdade direito como? se eu não sei nem a metade, a terça metade do que é necessário. Sendo que eu não estudei. Então, isso aí, eu acho que para as pessoas que não querem estudar e não querem um futuro melhor, tá ótimo. Vou parar de estudar, tá bom. Mas para mim que quero um futuro bom, que eu quero crescer na vida, para mim isso é péssimo”.*

*(D2) “Não, porque, vou dar o exemplo do ano passado. A gente que estudava muito fazia as atividades. Fazia o trabalho tudo certinho. Vinha para escola, passou né como normal. Mas as pessoas que não fazia nada, não vinha para escola, só vinha quando queria, não participava dos trabalhos, passou também. Sendo que a gente se esforçou ao máximo e eles não. E eles tiveram o mesmo privilégio. Não acho isso certo né. Acho muito injusto”.*

Percebe-se que os estudantes compreendem que a aprovação automática pode gerar um efeito em cadeia, afetando não apenas o aluno que avança sem estar preparado, mas também os demais estudantes e o ambiente escolar. Pois, se os alunos progredem para séries mais avançadas sem dominar os conteúdos básicos das séries anteriores, criam-se lacunas no aprendizado. Além disso, quando um aluno é promovido sem ter aprendido de fato, ele pode se sentir desmotivado. Isso pode gerar desinteresse pelas aulas, já que o esforço para aprender não parece ter um impacto direto em sua progressão escolar. Por consequência, quando os alunos chegam ao final do ensino básico sem uma formação sólida, eles enfrentam dificuldades no ensino superior ou ao ingressar no mercado de trabalho, onde se exige um nível maior de conhecimento e habilidades.

Logo, a combinação desses fatores cria um ambiente desafiador para que alunos de escolas públicas tenham as mesmas chances de acessar e permanecer no ensino superior que seus colegas de escolas particulares. Políticas públicas de inclusão, programas de bolsas e financiamento estudantil são iniciativas importantes para tentar mitigar essas desigualdades. Ademais, quando os estudantes não conseguem ver valor na educação, eles se tornam mais propensos ao abandono escolar e a escola deixa de ser referência de futuro melhor. Como consequência, a falta de ampliação do letramento afeta diretamente a empregabilidade. Jovens

sem formação acadêmica adequada têm menos chances de conseguir empregos bem remunerados e de se inserir em carreiras estáveis.

É válido destacar que a Progressão Continuada foi adotada no Brasil a partir da criação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) para a educação, em 1996. Portanto, em teoria, busca-se evitar o estigma e os impactos negativos da repetência, promovendo uma aprendizagem contínua e menos traumática. Contudo, a falta de aplicação adequada, com mecanismos efetivos de recuperação e apoio individualizado, transformou essa política em um fator que, na prática, compromete a qualidade da educação e a formação dos estudantes. Para que a progressão continuada funcione de forma eficaz, é necessário um sistema de ensino mais estruturado, com apoio pedagógico intensivo, formação de professores, e avaliação constante para garantir que os alunos realmente estejam aprendendo e preparados para avançar. Ou seja, a progressão continuada depende de um sistema de recuperação e reforço que garanta a aprendizagem dos alunos ao longo do ciclo. Na prática, muitas escolas não têm recursos suficientes, como profissionais capacitados, materiais de apoio e tempo extra, para dar suporte aos alunos que apresentam dificuldades.

## 5.2 PERSPECTIVAS DO REGRESSO À EDUCAÇÃO BÁSICA

O retorno dos alunos à sala de aula após uma interrupção nos estudos é um tema cada vez mais importante na educação básica. Nesse processo, o retorno escolar abrange jovens e adultos que, por motivos diversos, como trabalho, gravidez, questões familiares ou dificuldades financeiras, tiveram que abandonar a escola temporariamente ou definitivamente. A volta desses estudantes envolve desafios específicos, tanto para os próprios alunos quanto para as escolas e educadores. Neste contexto, analisaremos nestas entrevistas os possíveis motivos da evasão escolar e as perspectivas de ampliação de letramentos no futuro. Nesse contexto, compõem essa seção entrevistas com jovens mototaxistas autônomos do município de São Francisco do Conde. Para preservar as identidades, serão usados códigos (M1, M2, M3).

A evasão escolar é um problema complexo e multifatorial, causado por uma série de razões sociais, econômicas, pedagógicas e até mesmo emocionais. A fim de compreender essa realidade a partir dos depoimentos dos entrevistados, nós propusemos a seguinte questão a eles: “Atualmente, você está estudando?” “Se não estiver estudando, você parou em que série?” As respostas serão reproduzidas a seguir:

(M1) “Não. Parei no primeiro ano”.

(M2) “Não, tenho Ensino Médio completo”.

*(M3) “Não, eu completei já”.*

Percebemos que houve apenas um caso de abandono escolar entre os jovens. Trata-se de M1 que não concluiu o Ensino Médio, parando no primeiro ano. O abandono escolar é um problema complexo que afeta muitos jovens e pode ser causado por uma série de fatores sociais, econômicos, familiares e pessoais. Quando os jovens deixam a escola, muitas vezes, enfrentam dificuldades para retornar, especialmente se sentirem que os obstáculos que os levaram a abandonar ainda persistem.

Dentro dessa perspectiva, apesar de São Francisco do Conde ser uma cidade considerada “rica”, a falta de oportunidade de emprego é uma realidade. Assim, quando perguntado aos entrevistados mototaxistas acerca do motivo de optarem por essa ocupação e a quanto tempo estão nela, as respostas foram:

*(M1) A falta de dinheiro, não tem oportunidade na cidade está tendo agora, mas a pessoa só consegue através de vereadores. Estou aqui há uns quatro (4) anos.*

*(M2) A falta de trabalho na cidade, eu trabalho como mototáxi há uns quatro, cinco ou seis anos.*

*(M3) Falta de dinheiro e emprego na cidade, trabalho como mototáxi há dois anos.*

Para muitos jovens, especialmente aqueles em situações de vulnerabilidade, a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família torna-se prioridade sobre a educação e a ampliação dos letramentos. O trabalho em tempo integral ou a necessidade de ganhar uma renda de maneira informal, desde cedo, interfere nos estudos, e o retorno à escola fica cada vez mais distante à medida em que o jovem se acostuma com essa rotina.

Sair do trabalho informal e ingressar no mercado formal pode ser um desafio. Entretanto, com planejamento, qualificação e acesso a oportunidades, esse ingresso pode se tornar possível. Com essa preocupação, foi questionado aos jovens mototaxistas sobre a busca por outra profissão diferente da que se tem hoje. As repostas foram:

*(M1) Com certeza. Qualquer outra que aparecer aí, que eu ganhe mais. Qualquer outra oportunidade melhor, estou dentro.*

*(M2) Trabalhei na área de montagem, montador de andaime.*

*(M3) [...] fui logo pro trecho como montador de andaime.*

Observamos que M1 – o entrevistado que parou de estudar no primeiro (1º) ano do Ensino Médio – não tem um pensamento definido sobre a busca por outra profissão. Observa-se, portanto, que o abandono escolar afeta não só a vida dos jovens, mas também a sociedade como um todo. Jovens que não concluem a educação básica geralmente têm menos oportunidades de emprego, o que pode levar a um ciclo contínuo de pobreza. Além disso, a

falta de escolarização adequada está associada a uma série de consequências sociais, como maior suscetibilidade à violência.

Por sua vez, M2 e M3 foram trabalhar em uma determinada profissão após a conclusão do Ensino Médio. Muitas vezes, eles viajam para outros estados para exercer essa função. Porém, esses trabalhos são temporários e quando eles voltam para a cidade a única opção é a ocupação de mototaxistas.

Em São Francisco do Conde, as principais fontes de trabalhos formais são: a prefeitura do município; empresas em Mataripe incluindo a refinaria; e alguns comércios locais. Contudo, o índice de desemprego é relativamente alto. Assim sendo, quando perguntado aos entrevistados se são oferecidas vagas de trabalho na cidade, as respostas foram:

*(M2) “Rapaz, não eu tive que viajar pra fora para trabalhar”.*

*(M3) “Oferece, mas é muita burocracia e humilhação para conseguir. Aí a gente quando não viaja fica rodando de mototáxi”.*

Apesar da alta arrecadação municipal, nem todos os moradores de São Francisco do Conde conseguem usufruir dos benefícios econômicos gerados no município. Grande parte da população enfrenta dificuldades econômicas, pois a renda gerada pelo setor muitas vezes não se reflete em investimentos sociais consistentes que promovam a inclusão socioeconômica. Como resultado, os jovens, especialmente aqueles sem qualificação profissional, veem o trabalho de mototáxi como uma forma de obter renda rapidamente. O setor que gera a maior renda da cidade – o refinamento de petróleo e envasamento de gás – é altamente especializado e, geralmente, exige formação técnica específica ou educação superior, o que limita o número de pessoas locais que podem trabalhar nessas áreas.

Políticas públicas que promovem capacitação e intermediação de empregos desempenham um papel crucial no desenvolvimento socioeconômico. Existe no município uma universidade (UNILAB), além do programa de apoio a universitários (PROUNIFAS). No entanto, considerando as especificidades do mercado de trabalho local, há espaço para a implementação de um instituto federal, o qual ampliaria a formação técnica qualificada, inclusive no nível do ensino médio.

Quando questionados se a cidade oferece cursos técnicos profissionalizantes ou se pretendem fazer cursos por conta própria para conquistar um emprego formal, as respostas foram:

*(M1) Não. Tem gente que está dizendo que está tendo agora, mas não vi ainda. Qualquer outra que aparecer aí, que eu ganhe mais, qualquer outra oportunidade melhor estou dentro.*

*(M2) Rapaz, não fiz esquite na carteira e fui trabalhar fora.*

*(M3) Não, mas pretendo sim, o curso de segurança do trabalho, [...] só não tenho dinheiro para fazer.*

São Francisco do Conde possui uma carência de setores industriais ou comerciais diversificados que possam absorver a força de trabalho jovem. Assim, muitos jovens optam pelo mototáxi, que exige um investimento inicial relativamente baixo e oferece a possibilidade de ganhar algum dinheiro sem exigir qualificações formais. Em suma, embora a cidade tenha um orçamento elevado, o investimento em programas de capacitação para a juventude nem sempre é prioritário ou bem estruturado. A ausência de programas sólidos de formação profissional e o pouco incentivo ao empreendedorismo qualificado limitam as opções dos jovens, que acabam sem perspectivas para ingressar em outras áreas.

Entendemos que a educação vai além da transmissão de conhecimento técnico e abre portas para um futuro mais promissor. Contudo, há um prejuízo para o indivíduo quando ocorre a descontinuidade precoce desse processo. Por essa razão, quando perguntado se a escola poderia oferecer novas oportunidades de vida, as respostas foram:

*(M1) Não, porque é tenho família. É, tenho filho não dá mais estudar.*

*(M2) Sim, quando eu tiver condições eu penso em voltar para o meu curso de tratamento de águas que desisti por causa da falta de dinheiro. Para melhorar minhas condições de vida.*

*(M3) Eu acredito sim, mas a situação que vivemos aqui, sem dinheiro, tendo que se sustentar e sustentar a família obriga a gente a ir pro trecho e a escola fica para depois e muitos nem volta mais.*

Observamos que as opiniões se divergem. M1 não acredita que continuar estudando é sinônimo de melhores oportunidades, pois, ao abandonar a escola, o jovem interrompe o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos necessários sobre a importância de sua formação integral. Isso pode dificultar a volta à escola no futuro, tornando o caminho educacional mais irregular e mais longo. Portanto, a falta de formação limita as opções de trabalho, submetendo as pessoas a empregos com baixos salários, sem benefícios e, frequentemente, em condições de trabalho precárias.

No entanto, M2 e M3 acreditam que a ampliação do letramento pode oferecer melhores oportunidades. Contudo, esbarram na falta de dinheiro para investir em uma carreira profissional. Logo, a falta de maior escolaridade limita as opções de trabalho. Então, sem qualificação, muitos ficam restritos a ocupações de baixa qualificação e com menor possibilidade de crescimento. Isso pode levar a uma rotina de trabalho árduo, mas sem grandes perspectivas de melhoria financeira ou profissional.

Os jovens enfrentam diversas dificuldades ao tentarem retomar os estudos, tais como necessidade de trabalhar, falta de recursos financeiros, responsabilidade familiar. Nesse sentido, quando a pergunta foi sobre planejamento em continuar os estudos e cursar uma faculdade, incluindo a existência de um programa de bolsas para universitário no município, a resposta foi:

*(M1) Sim, mas daqui que eu chegue lá. Já tem muito tempo.*

*(M2) Rapaz, eu estava na faculdade e parei. Por que tem que trabalhar mesmo, por falta de dinheiro para poder me manter e manter a faculdade.*

*(M2) Sei, mas nem todos conseguem entrar.*

No que se refere à M1, apesar da resposta ter sido um “sim”, existe uma falta de planejamento. O que evidencia que a conclusão de etapas educacionais, como o ensino médio ou cursos profissionalizantes, aumenta a autoestima e a motivação para buscar novos objetivos. Apenas M2 iniciou o Ensino Superior, mas novamente a dificuldade financeira foi a barreira encontrada para ampliação do letramento.

Em suma, a retomada dos estudos para quem deixou a escola para trabalhar pode transformar significativamente a vida desses cidadãos, pois oferece uma nova chance de crescimento pessoal e profissional. A educação fortalece a cidadania e permite uma participação mais ativa e consciente na sociedade. Dessa maneira, para muitos que interromperam a educação, a retomada dos estudos representa uma segunda chance. Desse modo, é importante que existam políticas públicas que fomentem programas de ensino adaptados à realidade desses jovens, como a Educação de Jovens e Adultos (EJA), bolsas de estudo e incentivo para a formação continuada. Através desses recursos, é possível promover a inclusão educacional e permitir que essas pessoas possam, finalmente, concluir suas formações e alcançar seus sonhos.

### 5.3 PERSPECTIVAS DE FUTURO: O SONHO DA UNIVERSIDADE

Para muitos alunos das escolas públicas de São Francisco do Conde, o sonho de ingressar na universidade representa não apenas uma conquista individual, mas também uma chance de romper ciclos de pobreza e de exclusão social que frequentemente marcam suas trajetórias. A educação superior é vista como uma oportunidade de ampliar horizontes, adquirir novos conhecimentos e acessar melhores condições de vida. No entanto, a realização desse sonho ainda enfrenta barreiras significativas, especialmente para estudantes que lidam com o baixo nível de letramento e com as desigualdades estruturais que limitam o acesso a uma

educação de qualidade. Apesar disso, a busca por uma formação universitária continua sendo um símbolo de esperança e de transformação, tanto para os jovens quanto para suas famílias, refletindo a importância de políticas públicas que valorizem e fortaleçam a educação básica e ofereçam suporte àqueles que almejam conquistar uma vaga no ensino superior.

Dito isto, neste capítulo, analisaremos o sonho da universidade e seus desafios sobre duas perspectivas: uma biográfica e outra autobiográfica de moradoras do município que foram estudantes da escola pública e cursaram o Ensino Médio na escola Instituto Municipal Luiz Viana Neto. A partir dessas narrativas, observamos duas realidades distintas existentes na cidade: a de alunos que interrompem seus estudos por variadas questões e depois de um tempo conseguem dar continuidade; e a de alunos que conseguem ingressar no Ensino Superior logo após o término do Ensino Médio. Para identificação usaremos os códigos A1 e A2 para fazer um comparativo sobre cada vivência. As graduandas possuem a idade de 35 anos (A1) e 45 anos (A2). Os relatos, na íntegra, serão encontrados em anexos.

Nos excertos abaixo, serão destacados depoimentos sobre os desafios e motivações das trajetórias de A1 e de A2 para conseguir dar continuidade aos estudos:

*(A1) A decisão de cursar uma universidade foi moldada por uma série de desafios que enfrentei ao longo da minha trajetória. [...] Ao contrário das narrativas convencionais, minha principal motivação não se limitava à busca por conhecimento acadêmico, mas sim à necessidade de superar obstáculos cotidianos que impactavam diretamente minha qualidade de vida.*

*(A2) [...]. Meus pais se separaram antes que eu começasse a ir para escola. Na infância precisei aprender a ler e escrever rápido, pois minha mãe não sabia ler e escrever. [...].*

Para A1, os desafios da sua trajetória de vida foram a principal motivação para sua busca pela ampliação de letramentos, pois, segundo ela, possibilitaria uma melhor qualidade de vida. Essa fala reflete a ideia de que a decisão de cursar uma universidade foi impulsionada não apenas pela busca tradicional de conhecimento acadêmico, mas também por questões práticas e pessoais ligadas à superação de dificuldades da vida cotidiana. Para a participante da pesquisa, sua trajetória foi marcada por desafios que influenciaram diretamente na sua motivação, indicando que a educação superior foi vista como uma ferramenta para melhorar sua qualidade de vida e enfrentar essas adversidades. Dessa forma, essa fala mostra que o principal motivador não foi a “paixão pelo saber”, mas, sim, um contexto mais profundo e pessoal.

Contudo, A2 relata outra realidade existente no município, a qual pode se tornar um fator limitante no que se refere à ampliação de letramento: o analfabetismo dos pais. Nesse sentido, crianças e jovens com pais analfabetos podem enfrentar desafios no aprendizado

devido à falta de apoio acadêmico em casa, especialmente em tarefas escolares e no estímulo ao hábito de leitura e de escrita. No caso de A2, a situação foi ainda mais desafiadora, pois precisou aprender rapidamente a ler e a escrever sem o auxílio dos pais em casa, assumindo responsabilidades que muitas crianças não enfrentam nessa idade. Em síntese, A1 e A2 mostram resiliência por ter enfrentado essas dificuldades desde cedo. O que pode ter contribuído para o desenvolvimento de habilidades como autonomia, senso de responsabilidade e determinação.

A concretização do sonho da universidade para alunos das escolas públicas de São Francisco do Conde representa um marco transformador, não apenas em suas vidas individuais, mas também para suas comunidades. Ao superar os desafios impostos pelas desigualdades sociais, econômicas e educacionais, esses jovens se tornam agentes de mudança, capazes de contribuir para o desenvolvimento local e para a construção de uma sociedade mais justa. No entanto, para que esse sonho seja acessível a um número maior de estudantes, é fundamental que sejam efetuadas políticas públicas que garantam o fortalecimento da educação básica, promovam a equidade no acesso ao ensino superior e ofereçam suporte contínuo aos alunos em suas jornadas acadêmicas. Assim, a realização desse sonho deixa de ser uma exceção e se torna uma possibilidade concreta para muitos, simbolizando um futuro mais inclusivo e promissor.

Nestes próximos fragmentos, A1 e A2 relatam as dificuldades de estudar quando os familiares responsáveis não são alfabetizados:

*(A1) Durante minha Educação Básica, sempre fui uma estudante esforçada, dedicada a obter boas notas. Esse empenho tinha raízes no esforço que minha avó fazia para que eu estudasse e realizasse meus deveres de casa, já que ela não era alfabetizada e dependia da ajuda de terceiros.*

*(A2) Meu pai que sabia um pouco mais, não fazia mais parte da família e meus irmãos trabalhavam para ajudar minha mãe. Então, eu tinha que fazer as atividades sozinhas sem nenhuma orientação.*

Para A1, mesmo sendo uma estudante esforçada e dedicada, a avó teve um papel fundamental na sua trajetória acadêmica, mesmo sem ser alfabetizada. Isso mostra a valorização da educação dentro da família e como o apoio emocional pode ser determinante no desempenho escolar. O que sugere um contexto de dificuldades que foram superadas por meio do esforço e da educação. Indica-se, assim, um ambiente socioeconômico desafiador, no qual a busca pelo conhecimento é vista como um meio de transformação.

Contudo, para A2, a situação foi mais desafiadora. Ela destaca que enfrentou desafios ao estudar sem o apoio direto de familiares, demonstrando independência e força de vontade para aprender sozinha. Desse modo, a falta de orientação dentro de casa pode ter tornado a aprendizagem mais difícil, evidenciando uma realidade comum a muitos estudantes que não

têm auxílio familiar nos estudos. Sendo assim, o excerto sugere uma estrutura familiar fragilizada, visto que a responsabilidade pelos estudos recaía inteiramente sobre ela. Logo, esse cenário aponta para uma situação socioeconômica difícil.

Por sua vez, os depoimentos a seguir expõem as dificuldades enfrentadas por muitas famílias de baixa renda em função da falta de recursos que levam muitos jovens a deixar de estudar para trabalhar:

*(A1) Com o passar dos anos, à medida que amadureci, comecei a questionar a falta de recursos básicos em minha casa, como chuveiro, varanda, diversidade alimentar e até mesmo a escassez de dinheiro para comprar lanches na escola. Surpreendentemente, as novelas contribuíram para essa reflexão, [...] ampliando assim minha visão de mundo.*

*(A2) [...] Contudo, no final da sétima série, eu também precisei deixar os estudos para trabalhar como doméstica na casa de uma família em Salvador. Pois minha família não tinha condições financeiras nem para comprar material escolar.*

Tanto para A1 quanto para A2, há uma percepção das suas realidades e limitações ao longo do tempo, o que indica uma tomada de consciência sobre sua condição socioeconômica. A ampliação da visão de mundo permitiu comparar melhor sua vida com outras realidades. Em vista disso, a falta de itens básicos e a situação de vulnerabilidade social chegam a certo ponto de ser questionada.

O abandono dos estudos para trabalhar evidencia uma desigualdade estrutural que afeta muitas crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Essa situação foi enfrentada por A2, a qual perdeu parte de sua trajetória acadêmica para ingressar precocemente no mercado de trabalho, o que reflete uma realidade comum em famílias de baixa renda. Por consequência, a pobreza não afeta apenas o presente, mas perpetua um ciclo difícil de romper, no qual o acesso à educação e a oportunidades fica comprometido.

Na próxima passagem, A1 e A2 descrevem duas realidades distintas de jovens do município: 1) jovens que, mesmo com as dificuldades, têm a motivação para continuar estudando; 2) e jovens que param de estudar para constituir precocemente uma família e, muitas vezes, sofrem abusos e violência por parte dos parceiros.

*(A1) Ao concluir o 3º ano do ensino médio, me deparei sem direções claras para o futuro. No entanto, uma certeza permaneceu: não desejava seguir o caminho tradicional de criar laços matrimoniais e ter filhos. Meu objetivo era conquistar uma profissão e independência, algo desafiador no interior, onde a falta de recursos, informações e a ausência de acesso à internet eram obstáculos constantes. [...].*

*(A2) Então, voltei para São Francisco. Foi outro fiasco na minha vida, pois naquele momento não voltei para escola. Para minha infelicidade conheci um rapaz, começamos a namorar e fomos morar juntos.*

Para A1, ao concluir os estudos da educação básica, se sentia perdida quanto ao futuro, algo comum para muitas pessoas que enfrentam dificuldades de acesso à informação e à orientação profissional. Então, ela expressa um desejo claro de não seguir o caminho tradicional do casamento e da maternidade, demonstrando um anseio por autonomia e construção de uma carreira. Contudo, a falta de recursos se torna barreira para alcançar esses objetivos.

Por sua vez, para A2, houve uma situação de interrupção nos estudos. Uma situação que retrata a realidade de muitas mulheres jovens pobres do município, as quais abandonam a escola para construir família. Assim, o desvio na ampliação de letramentos para a construção familiar precoce também se torna um obstáculo na busca por autonomia e crescimento pessoal e profissional. Desse modo, o abandono escolar para formar família afeta globalmente a sua qualidade de vida. Compreendemos que a educação é um dos principais fatores de mobilidade social e sua interrupção pode perpetuar um ciclo de pobreza e exclusão.

A partir dos fragmentos abaixo, A1 e A2 ressaltam que o ingresso no curso pré-vestibular corresponde a uma perspectiva de mudança em suas realidades através de uma possível graduação:

*(A1) O ingresso no pré-vestibular foi um divisor de águas. Ali, comecei a interagir com pessoas que compartilhavam das mesmas perspectivas de futuro. Essa decisão foi crucial em minha vida. Os professores do pré-vestibular perceberam meu potencial, passaram a me incentivar e mostraram os caminhos que eu deveria percorrer para alcançar a universidade. O desafio era iminente, a escolha recaía sobre uma instituição pública, dada a falta de recursos para uma faculdade particular.*

*(A2) O tempo passou e minha sobrinha Joice, que tinha ficado com minha mãe quando fui para Santo Amaro, manifestou o desejo de fazer uma graduação. Pois, foi quando surgiu na cidade um cursinho pré-vestibular. Foi a oportunidade que precisava para sair do tormento que me encontrava.*

Nos dois casos, a educação se apresenta como ferramenta de transformação. O curso pré-vestibular representou um divisor de águas, mostrando que o acesso ao ensino superior passou a ser uma possibilidade real. O novo cursinho surge como uma nova oportunidade para ambas uma vez que elas veem nele uma possibilidade de mudar sua própria situação.

O desejo da sobrinha de cursar uma graduação sugere que a trajetória da autora pode ter servido de inspiração para os familiares. Logo, isso reforça a importância da família nas decisões educacionais e nas possibilidades de superação. A2 menciona estar em um “tormento”, sugerindo que sua vida estava em um momento difícil e que o cursinho surgiu como um caminho para sair dessa condição. Então, isso reforça a ideia de que a educação não é apenas um meio de ascensão profissional, mas também uma ferramenta para romper ciclos de dificuldades e abrir novas perspectivas. Sendo assim, esse movimento evidencia que o

conhecimento e as oportunidades educacionais podem gerar mudanças que vão além do indivíduo, influenciando outras gerações.

Em resumo, os excertos mostram que a educação pode transformar vidas, abrindo portas para o futuro e servindo como um escape de dificuldades. Além disso, ressaltam o papel do apoio familiar e da continuidade do aprendizado na busca por melhores condições de vida. Portanto, a partir das narrativas biográficas, observou-se que a educação tem o poder de transformar realidades, permitindo que indivíduos rompam ciclos de desigualdade e inspirem outros a fazerem o mesmo. Mais do que um meio para conquistar um diploma, o acesso ao ensino é um instrumento de mudança pessoal, social e econômica, ajudando não somente A1 e A2, mas também sua família a vislumbrar um futuro diferente. Dessa forma, sua história ilustra como oportunidades educacionais de ampliação dos letramentos precisam ser acessíveis para garantir que mais pessoas possam transformar suas vidas.

Neste estrato, A1 e A2 evidenciam a precariedade na educação nas escolas públicas, uma realidade que impede o ingresso dos estudantes na graduação:

*(A1) [...] Os desafios não se limitaram a isso. Ao ingressar na UFBA, percebi a necessidade de um esforço significativo ao longo do curso, dada a precariedade da minha Educação Básica [...].*

*(A2) [...] Em primeiro plano, minha ideia era cursar administração pública. Fiz o exame pela primeira vez, mas como estava muito tempo fora da escola, não obtive uma boa pontuação [...].*

Podemos compreender que A1 e A2 enfrentaram desafios educacionais significativos, especialmente devido a uma base educacional deficiente e o afastamento escolar. Sendo assim, ambas as trajetórias acadêmicas foram marcadas por dificuldades iniciais ao prestar o exame para ingressar na universidade, possivelmente, o que impactou em seus desempenhos. Além disso, esses trechos revelam um percurso de superação e adaptação às exigências do ensino superior.

Nos fragmentos das autobiografias a seguir, A1 e A2 expressam a importância de conseguir chegar a uma graduação e ser exemplo para outros familiares na conquista de melhores condições de vida:

*(A1) A vida acadêmica despertou-me para inúmeras oportunidades, promovendo um amadurecimento profissional e pessoal. Desde então, tenho incentivado outros familiares a buscarem novos caminhos, ciente de que tudo se inicia pela Educação.*

*(A2) Porém, minha sobrinha não desistiu de me ver estudando e me perguntou se poderia me matricular na UNILAB, mas que não tinha o curso que eu queria. Mas que tinha o curso de Letras e outras opções que ela não sabia. Então, aceitei o curso de Letras, sem nem saber do que se tratava. Hoje, sinto até vergonha dessa*

*desinformação. Foi dessa maneira, que cheguei à UNILAB e me encontrei aqui nessa instituição [...].*

Podemos compreender que a vida acadêmica tem um impacto transformador na vida das pessoas, proporcionando crescimento tanto profissional quanto pessoal. Além disso, esse aprendizado pode gerar um senso de responsabilidade e inspiração para motivar familiares a investirem na Educação, reconhecendo-a como o ponto de partida para novas oportunidades e mudanças positivas. Ademais, uma jornada marcada por influências externas, incertezas e, posteriormente, um processo de autodescoberta.

Inicialmente, a decisão de ingressar em um curso superior pode não ser parte de um desejo próprio, mas sim do incentivo de outra pessoa que enxergou uma oportunidade de mudar sua realidade. Portanto, isso demonstra a importância do suporte familiar e social na superação de barreiras educacionais e na ampliação das perspectivas de alguém que, possivelmente, não teria considerado essa possibilidade por conta própria. Nota-se que a desinformação é ainda uma realidade, mesmo em tempos de redes sociais e do acesso às informações por meio da internet. Conforme A2, a menção à "vergonha dessa desinformação" revela uma reflexão crítica sobre sua própria trajetória, evidenciando um amadurecimento ao longo do tempo. Esse reconhecimento sugere que, naquele momento inicial, havia uma limitação no acesso a informações sobre as possibilidades acadêmicas, o que pode estar relacionado a desafios estruturais no acesso à educação e à orientação vocacional na preparação dos alunos nos anos finais do Ensino Médio.

#### 5.4 CAMINHOS POSSÍVEIS PARA O ENFRENTAMENTO DAS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS NO MUNICÍPIO

Com base na análise realizada ao longo deste trabalho, torna-se evidente que a falta de ampliação dos letramentos em São Francisco do Conde (BA) está intrinsecamente ligada à perpetuação das desigualdades econômicas no município. Sendo assim, apresento a seguir algumas propostas de intervenção significativas, respeitando a realidade local e os princípios da equidade e da justiça social que visam contribuir para superação dos obstáculos educacionais enfrentados pela população.

#### **5.4.1 Fortalecimento de políticas públicas de letramentos**

O fortalecimento das políticas públicas de letramento é essencial para proporcionar a equidade educacional e garantir acesso efetivo ao conhecimento. Em contextos marcados por desigualdades, como São Francisco do Conde, é necessário desenvolver ações que ampliem as práticas de letramento para além da alfabetização inicial, incorporando dimensões sociais, culturais e tecnológicas. Dessa maneira, é necessário investir em políticas públicas que compreendam o letramento em sua dimensão ampla e plural.

Alicerçados no debate proposto por Magda Soares, em *Linguagem e Escola: uma perspectiva social* (2017) e por Roxane Rojo, em *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social* (2009), recomenda-se: a criação de núcleos de letramento em escolas e centros comunitários; a oferta de formação continuada para docentes da rede pública, com foco em práticas pedagógicas que considerem os múltiplos letramentos (digital, crítico, midiático, cultural); a promoção de ações de incentivo à leitura e à escrita, como feiras de livros, bibliotecas móveis, clubes de leitura e rodas de conversa literária. Tais políticas devem ser integradas, contínuas e orientadas pelas demandas locais, a fim de assegurar a formação e o exercício pleno dos direitos sociais.

#### **5.4.2 Valorização dos saberes e das práticas culturais locais**

A valorização dos saberes e das práticas culturais locais constitui um eixo fundamental para a construção de uma educação inclusiva. Portanto, reconhecer os conhecimentos oriundos das comunidades, suas expressões culturais e linguagens próprias é essencial para promover o pertencimento, fortalecer identidades e ampliar os sentidos do letramento. Desse modo, inspiramo-nos na *Pedagogia culturalmente sensível*, defendida, entre outros pesquisadores, por Lúcia Cyranka em *A pedagogia da variação linguística na escola: experiências bem sucedidas* (2018), e no livro *A gente já nasceu quilombola e não sabia: história do Monte Recôncavo* (2021), de Carlos Maroto Guerola e Maricélia Conceição dos Santos. A partir disso, propomos: a implementação de projetos escolares que dialoguem com manifestações culturais da comunidade (oralidade, música, culinária, religião, memória); a valorização de narrativas locais e produção de autobiografias como estratégias de construção da identidade e fortalecimento da autoestima dos sujeitos aprendentes. Dessa forma, incorporar essas práticas ao contexto escolar contribui para romper com a lógica excludente do currículo tradicional e afirmar o valor dos saberes populares como parte legítima do processo educativo.

### 5.4.3 Criação de um observatório municipal de leitura e de letramentos

A partir dos debates propostos por Paulo Freire, em *Educação e mudança* (2018) e de Brian Street, em *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação* (2014), defendemos que a criação de um **Observatório Municipal de Leitura e de Letramentos** representa uma estratégia para o diagnóstico, monitoramento e proposição de políticas educacionais voltadas à ampliação dos letramentos. Esse espaço, de caráter interinstitucional e participativo, apresenta a finalidade de reunir dados qualitativos e quantitativos, além de desenvolver ações entre escolas, universidades e poder público, e assim fomentar práticas pedagógicas contextualizadas. Nesse contexto, sugere-se a criação de um observatório que reúna representante da Universidade, das escolas públicas, do poder público e da comunidade para: realizar diagnósticos periódicos sobre os níveis de letramento no município; monitorar a implementação de políticas públicas voltadas à educação; produzir indicadores que orientem futuras ações e projetos intersetoriais. Assim sendo, essa atuação permite o acompanhamento sistemático das demandas locais e a formulação de intervenções alinhadas às realidades socioculturais do território.

### 5.4.4 Expansão de oportunidade para a educação de jovens e adultos (EJA)

A ampliação das oportunidades para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é fundamental para garantir o direito à educação a sujeitos historicamente excluídos dos processos formais de escolarização, conforme preconizam Maria Cecília Mollica e Marisa Real, em *Letramento em EJA* (2009). Em contextos de vulnerabilidade social, como São Francisco do Conde, a EJA deve ser compreendida como política de reparação e inclusão, capaz de promover letramentos múltiplos, formação cidadã e inserção socioprofissional. Deste modo, a EJA deve ser fortalecida, para tanto recomenda-se: a criação de novas turmas com horários flexíveis, especialmente para atender trabalhadores informais; parcerias com a UNILAB e com outras instituições de ensino superior para o desenvolvimento de projetos de extensão voltados à alfabetização de adultos e à formação de cidadãos; a valorização e capacitação de educadores da EJA com foco em pedagogias críticas e emancipadoras.

#### 5.4.5 Gestão participativa e redistribuição dos recursos públicos

A gestão participativa e a redistribuição equitativa dos recursos públicos são pilares indispensáveis para a efetivação de políticas educacionais comprometidas com a justiça social. Em municípios com alto índice de arrecadação, como São Francisco do Conde, torna-se urgente assegurar que os investimentos em educação sejam guiados por critérios de equidade, transparência e controle social. Por isso, diante da evidente contradição entre o elevado PIB *per capita* de São Francisco do Conde e os persistentes indicadores de desigualdade, torna-se imprescindível a adoção de uma gestão pública pautada na participação social e na redistribuição equitativa dos recursos.

Compreendemos que a transparência na alocação orçamentária deve abranger não apenas o setor educacional, mas também as áreas social e econômica, assegurando que os investimentos públicos atendam, prioritariamente, às populações em situação de maior vulnerabilidade. Para isso, é essencial estimular a criação e o fortalecimento de conselhos e fóruns participativos que envolvam a sociedade civil na tomada de decisões, bem como direcionar recursos de forma estratégica para comunidades periféricas, quilombolas e territórios com histórico de exclusão. De maneira resumida, essa abordagem integrada favorece o desenvolvimento local com justiça social, promovendo condições mais dignas de vida, acesso à educação de qualidade e inclusão produtiva. Para mais informações sobre possibilidades mais democráticas de uso do orçamento público, sugerimos a leitura de “Orçamento participativo: como funciona e como participar”, disponibilizada no portal Politize<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Politize. Disponível em: <https://www.politize.com.br/orcamento-participativo-como-funciona/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo aborda a falta de ampliação dos letramentos em São Francisco do Conde, Bahia, e seus impactos socioeconômicos. Trata-se de um tema de grande relevância, uma vez que a educação é um fator determinante para o desenvolvimento humano e social. Embora São Francisco do Conde disponha de consideráveis recursos econômicos impulsionados pela presença da Refinaria Landulpho Alves, a desigualdade social e os baixos índices de letramento ainda constituem desafios significativos. O analfabetismo funcional, o nível reduzido de letramento e a ausência de políticas públicas eficazes de incentivos educacionais e profissionalizantes especialmente voltada para jovens e adultos revelam-se obstáculos persistentes no município. Nesse contexto, este trabalho propõe-se a evidenciar essas disparidades e sugerir caminhos para políticas públicas mais efetivas, capazes de promover o desenvolvimento sustentável e a inclusão social da comunidade.

De acordo com Marcuschi (2021), Rojo (2009), Street (2014), Freire (1996), o letramento não se limita à capacidade de ler e escrever, mas envolve também a habilidade de interpretar e de utilizar informações de forma funcional no cotidiano, impactando diretamente em sua empregabilidade, inclusão digital e participação democrática com autonomia. A ausência de letramento, por sua vez, está fortemente associada à manutenção de rendas mais baixas, uma vez que pessoas com baixa proficiência em leitura e escrita tendem a ocupar empregos informais e de baixa remuneração, perpetuando um ciclo de pobreza. Ao destacar a centralidade do letramento, esta pesquisa reforça a necessidade de valorizar e investir na educação desde as etapas iniciais da formação escolar até a vida adulta, com estratégias de evolução da inclusão e do desenvolvimento humano.

Nessa perspectiva, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar os impactos socioeconômicos da falta de letramento na cidade de São Francisco do Conde, na Bahia. Para tanto, foram considerados aspectos financeiros, étnicos, históricos, culturais e estruturais que contribuem para a configuração dessa realidade. Além disso, buscou-se compreender de que maneira a ausência de práticas efetivas de letramento influencia a perpetuação das desigualdades econômicas da região.

Por sua vez, os objetivos específicos deste trabalho buscaram: investigar de que maneira a falta de ampliação dos letramentos afeta a economia local, as oportunidades de emprego, a inclusão digital e a participação democrática; identificar as raízes históricas, culturais e étnicas associadas a baixa incidência de letramento em São Francisco do Conde, a fim de compreender como esses fatores contribuíram para a manutenção das desigualdades; avaliar a eficácia dos

programas sociais existentes no município, como o "Pão na Mesa" e o PROUNIFAS; compreender as percepções da comunidade por meio de entrevistas e autobiografias; compreender as percepções de estudantes, trabalhadores informais e residentes locais sobre os desafios e possibilidades relacionados ao letramento.

Com uma proposta metodológica inclusiva, este trabalho adotou uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas e autobiografias de diferentes grupos sociais, como estudantes, mototaxistas e moradores locais. Essa metodologia possibilitou uma compreensão mais profunda e abrangente dos desafios enfrentados pela população de São Francisco do Conde. Além disso, a pesquisa ofereceu uma análise crítica dos programas sociais existentes no município, evidenciando suas limitações e propondo subsídios para futuras pesquisas e intervenções políticas voltadas para progressão do letramento e para a redução das desigualdades econômicas.

Na construção da pesquisa, diversos desafios foram enfrentados. Um deles foi o acesso aos participantes, considerando a dificuldade para obter a colaboração de estudantes, mototaxistas e outros moradores de São Francisco do Conde. Muitos estavam ocupados com suas rotinas diárias ou não se sentiam à vontade para participar de entrevistas e compartilhar suas experiências pessoais. Outro desafio foi garantir a qualidade e confiabilidade dos dados, principalmente, devido a dependência da autodeclaração dos participantes em relação às suas condições socioeconômicas e de letramento, o que poderia impactar a precisão das informações coletadas.

Além disso, a escolha da metodologia mais adequada para a pesquisa apresentou outro desafio, pois foi necessário adotar uma abordagem qualitativa que capturasse as particularidades e complexidades das experiências dos participantes. Também foi fundamental elaborar perguntas que fossem, ao mesmo tempo, abrangentes e específicas o suficiente para obter respostas relevantes. Por fim, as entrevistas precisaram ser conduzidas de maneira que os participantes se sentissem à vontade para compartilhar suas histórias de forma sincera e aberta.

Cabe destacar que as propostas aqui apresentadas não têm a pretensão de esgotar a complexidade do tema, mas sim de sinalizar caminhos possíveis para o enfrentamento das desigualdades educacionais no município. Nesse contexto, a ampliação dos letramentos, em suas múltiplas dimensões, deve ser entendida como uma política de justiça social, que reconhece o direito à palavra, à leitura do mundo e à transformação das realidades. Assim, espera-se que este trabalho possa inspirar outras ações e reflexões no sentido de fortalecer a educação como prática de liberdade e instrumento de emancipação dos sujeitos.

Em resumo, esses desafios foram abordados com criatividade e resiliência, resultando em um estudo que oferece percepções valiosas sobre a falta de letramento em São Francisco do Conde e suas implicações socioeconômicas. Compreender as raízes históricas e culturais da falta de letramento é essencial para criar estratégias mais eficazes no enfrentamento desses desafios. Além disso, é fundamental reconhecer que a falta de letramento não se restringe à dificuldade de ler e escrever, mas também está intimamente ligada a questões de racismo estrutural, que historicamente negaram acesso igualitário e ao desenvolvimento para populações negras e marginalizadas.

Esses desafios exigem estratégias não só para o sistema educacional, mas também políticas públicas, apoio familiar e da comunidade, e iniciativas que considerem as diferentes realidades sociais, culturais e raciais. O combate à falta de letramento, portanto, não é apenas um dever do sistema educacional, mas uma responsabilidade coletiva que convoca governos, sociedade civil, empresas e indivíduos a agirem juntos. A educação é a chave para a emancipação de todos, e somente quando reconhecemos e enfrentamos o racismo em todas as suas formas é que seremos capazes de transformar a realidade e construir um futuro mais justo e igualitário para todos.

## REFERÊNCIAS

- CYRANKA, Lúcia F. Mendonça; BARROSO, Terezinha. (orgs). **A pedagogia da variação linguística na escola: experiências bem-sucedidas**. Londrina: EDUEL, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1996a.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUEROLA, Carlos Maroto; SANTOS, Maricelia Conceição. **A gente já nasceu quilombola e não sabia: histórias do Monte Recôncavo**. Salvador: Ed. dos autores, 2021.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. Vol. São Paulo: Cortez, 2001. 133p.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 128p.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Contexto, 2017.
- STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 240 p.

## **ANEXOS**

## **Anexo 1 - Autobiografia de Joisilene (sobrinha)**

A decisão de cursar uma universidade foi moldada por uma série de desafios que enfrentei ao longo da minha trajetória. Atualmente, sou licenciada e bacharel em Ciências Biológicas pela UFBA, Pedagogia pela UNEB, além de Mestre e doutoranda no programa de pós-graduação em Biodiversidade e Evolução (PPGBio EVO/UFBA). Ao contrário das narrativas convencionais, minha principal motivação não se limitava à busca por conhecimento acadêmico, mas sim à necessidade de superar obstáculos cotidianos que impactavam diretamente minha qualidade de vida.

Durante minha Educação Básica, sempre fui uma estudante esforçada, dedicada a obter boas notas. Esse empenho tinha raízes no esforço que minha avó fazia para que eu estudasse e realizasse meus deveres de casa, já que ela não era alfabetizada e dependia da ajuda de terceiros. Com o passar dos anos, à medida que amadureci, comecei a questionar a falta de recursos básicos em minha casa, como chuveiro, varanda, diversidade alimentar e até mesmo a escassez de dinheiro para comprar lanches na escola. Surpreendentemente, as novelas contribuíram para essa reflexão, pois promoviam a comparação entre realidades tão distintas, mesmo sendo fictícias, ampliando assim minha visão de mundo.

Ao concluir o 3º ano do ensino médio, me deparei sem direções claras para o futuro. No entanto, uma certeza permanecia: não desejava seguir o caminho tradicional de criar laços matrimoniais e ter filhos. Meu objetivo era conquistar uma profissão e independência, algo desafiador no interior, onde a falta de recursos, informações e a ausência de acesso à internet eram obstáculos constantes. Além disso, minha família não possuía experiência em direcionar alguém para o ensino superior, já que muitos sequer completaram o ensino fundamental I.

O ingresso no pré-vestibular foi um divisor de águas. Ali, comecei a interagir com pessoas que compartilhavam das mesmas perspectivas de futuro. Essa decisão foi crucial em minha vida. Os professores do pré-vestibular perceberam meu potencial, passaram a me incentivar e mostraram os caminhos que eu deveria percorrer para alcançar a universidade. O desafio era iminente, a escolha recaía sobre uma instituição pública, dada a falta de recursos para uma faculdade particular.

Dada a deficiência no meu ensino básico, enfrentei três vestibulares para conquistar a vaga na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no curso de Ciências Biológicas. Nesse mesmo ano, fui aprovada em Farmácia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Os desafios não se limitaram a isso. Ao ingressar na UFBA, percebi a necessidade de um esforço significativo ao longo do curso, dada a precariedade da minha Educação básica. Muitos dos

saberes considerados pré-requisitos para outros conhecimentos não estavam consolidados em mim, mas que superei.

A vida acadêmica despertou-me para inúmeras oportunidades, promovendo um amadurecimento profissional e pessoal. Desde então, tenho incentivado outros familiares a buscarem novos caminhos, ciente de que tudo se inicia pela Educação.

## **Anexo 2 - Autobiografia de Roseane (a tia)**

Me chamo Roseane Santana Neris, filha de Antônio Neris e Silvana Ferreira de Santana, 45 anos, tenho dois filhos, moro no bairro de São Bento, em São Francisco do Conde, sou graduanda em Letras - Língua Portuguesa, na universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB/ Campus dos Malês), em São Francisco do Conde (BA).

Realizei o meu processo de alfabetização e ensino primário nas escolas do bairro: Escola São Bento e Escola Três Marias. Meus pais se separaram antes que eu começasse a ir para escola. Na infância precisei aprender a ler e escrever rápido, pois minha mãe não sabia ler e escrever. Meu pai, que sabia um pouco mais, não fazia mais parte da família e meus irmãos trabalhavam para ajudar minha mãe. Então eu tinha que fazer as atividades sozinha sem nenhuma orientação. Chegando ao ensino fundamental, estudei parte no Instituto Municipal Luiz Viana Neto. Contudo, no final da sétima série, eu também precisei deixar os estudos para trabalhar como doméstica na casa de uma família em Salvador. Pois, minha família não tinha condições financeiras nem para comprar material escolar.

Nesse trabalho, eu tinha que morar na casa dessas pessoas. As folgas eram somente aos domingos. A princípio foi dito que continuaria estudando. Então, me matricularam em uma escola em um bairro próximo, que dava para ir andando. Porém, só poderia ir depois de limpar a casa, organizar e alimentar os dois filhos dela para levar para escola. Mesmo trabalhando muito e estando muito cansada, corria e conseguia chegar a tempo para as aulas. Entretanto, a escola não era das melhores, já que contava com professores descomprometidos e com alguns alunos envolvidos com o tráfico. Muitas vezes, os policiais invadiram a escola e as aulas eram suspensas. Mesmo com esse cenário, consegui terminar o Ensino Fundamental.

Todavia, essa escola que era perto do trabalho oferecia apenas ensino fundamental. Então, para cursar o ensino médio, fui matriculada em uma escola muito longe do bairro em que trabalhava e mesmo correndo após todos os afazeres domésticos, às vezes, perdia o ônibus, chegava atrasada, desanimada, os alunos ainda eram piores que na escola de ensino

fundamental. Por fim, eu não me adaptei e desisti. É visível que não houve nenhum cuidado por parte dos “patrões” em escolher uma escola para me matricular.

Durante o período de três anos que fiquei com eles, eu também não me reconhecia naquele espaço de cuidar dos filhos e da casa de outra pessoa. Eram pessoas que, muitas vezes, se sentiam no direito de me humilhar e de colocar minha vida em risco, quando exigia que limpasse os vidros da janela de um apartamento do terceiro andar sem nenhuma segurança. A gota d’água se deu quando planejaram uma viagem no período de Carnaval. Então, me perguntaram se queria ganhar um dinheiro extra. Nessa época, eu ganhava um salário-mínimo no valor de R\$120,00. Aceitei o trabalho, mas chegando lá me arrependi amargamente. Me deixaram com fome. Para comer, a cozinheira escondia comida para nós. Eu disse a mim mesma que não passaria mais por aquela situação.

Então, voltei para São Francisco do Conde. Foi outro fiasco na minha vida, pois naquele momento não voltei para escola. Para minha infelicidade conheci um rapaz, começamos a namorar e fomos morar juntos. Porém, o rapaz não era o que eu pensava. Ficamos, entre idas e voltas, juntos por dois anos e tivemos um filho que hoje tem 25 anos. Nesse período de convivência, sofri violência física, moral e mental. E por causa de ciúmes, a ameaça de morte chegou. Então, voltei humilhada para casa de minha mãe. Foi um período muito difícil, estava desempregada e com um filho na casa da mãe de onde saí apesar dos alertas sobre sair de casa para construir uma família. Nessas circunstâncias, sofri humilhação dos meus irmãos que se achavam no direito de dizerem o que queriam por eu estar naquela situação. Para piorar, minha mãe ficou enferma.

Nesse período, conheci o pai do meu filho caçula. É fato que ele me ajudou de toda forma possível. Mas era possessivo e não gostava que eu estudasse. Então, a empresa em que ele trabalhava em São Francisco foi embora e ele voltou para sua cidade. Contudo, não terminamos o relacionamento. Foi nesse momento que me matriculei no Instituto e terminei o Ensino Médio. Em contrapartida, a cidade não oferecia nenhum curso técnico. A UNILAB ainda não existia na cidade, eu não tinha dinheiro para universidade particular e ainda tinha que cuidar de minha mãe. E, assim, fiquei estagnada.

Enquanto isso, o tempo estava passando e eu vivendo uma vida infeliz, pois cuidar de um enfermo por muito tempo também adoce a gente. Eu fiquei com baixa autoestima e sem nenhuma perspectiva de vida. De tanto os meus irmãos me estressarem e não me ajudarem com minha mãe, querendo fugir daquela situação, fui morar em Santo Amaro com o namorado. No começo, era tudo ótimo. Contudo, não demorou muito e minha vida se tornou um inferno. Eu não sofri agressão física, mas também era um relacionamento abusivo.

O tempo passou e minha sobrinha Joice, que tinha ficado com minha mãe quando fui para Santo Amaro, manifestou o desejo de fazer uma graduação. Foi quando surgiu na cidade um cursinho pré-vestibular. Era a oportunidade que precisava para sair do tormento em que me encontrava. Sendo assim, Joice conversou comigo e decidimos que eu voltaria para cuidar da mãe e ela poderia ir. Assim acordado, ela fez o cursinho, passou no vestibular da UFBA para biologia. No começo foi muito difícil para ela que tinha que acordar muito cedo e dormir muito tarde e também para mim, pois tinha que cuidar de minha mãe sozinha. Então, ela decidiu ir morar na república dos estudantes em Salvador. O meu relacionamento não acabou, pois, mesmo com o ciúme possessivo, ele era o meu suporte, já que eu não trabalhava e não tinha nenhuma renda – eu dependia dele para comer, vestir e sustentar o filho que tive no outro relacionamento.

Um tempo depois, surgiu uma vaga de trabalho, na ocasião em que um vereador foi eleito pela comunidade – inclusive eu também tinha votado nele. Depois de muito insistir, ele me deu uma vaga de trabalho em uma escola do meu bairro na função de auxiliar de limpeza. Desse modo, eu me vi nos “bastidores” de uma escola. Não fiquei nesse trabalho por muito tempo, pois houve um chamado “senta e levanta” que foi a briga de dois candidatos para governar a prefeitura da cidade: Antônio Pascoal e Antônio Calmon. Durante essa disputa de poder, os funcionários sofreram com salários atrasados e a incerteza do trabalho. O resultado foi a perda do trabalho sem os direitos trabalhistas, até hoje existem causas na justiça desse período. Depois, trabalhei como ambulante nas festas da cidade e em vários concursos públicos. Foi quando tive o meu segundo filho que hoje tem 13 anos.

O tempo passou, minha sobrinha terminou a graduação e conseguiu um trabalho na secretaria de educação do município e voltou a morar na casa de minha mãe. Eu continuava estagnada e desanimada. Para piorar minha situação financeira, me separei do pai de Felipe. Foi um período difícil, pois a única renda que eu tinha para mim e os meninos eram os programas sociais do governo federal e o PAS, que era um programa social do município. Observando essa situação, Joice começou a me incentivar a fazer o ENEM. Em primeiro plano, minha ideia era cursar administração pública. Fiz o exame pela primeira vez, mas como estava muito tempo fora da escola, não obtive uma boa pontuação. Ela, não contente com esse resultado, me escreveu novamente. Contudo, o secretário de educação do município na época, Marivaldo, recuperou por um breve tempo o projeto de aulas Pré-Enem. Então, me inscrevi e fui a todas as aulas. Dessa vez, tirei uma boa pontuação no ENEM. Com esse resultado e animada com a possibilidade de estudar novamente, me inscrevi no curso EAD de administração pública. Reuni os documentos e, no dia marcado, fui fazer a entrega dos documentos. Deu tudo errado!

Nesse período, a UNILAB já existia no município – foi uma conquista da gestão da saudosa prefeita Rilza Valentim. Mas eu, assim como várias pessoas desinformadas da cidade, achava que se tratava de uma universidade apenas para os africanos. Em um belo dia, Joice, que sabia a senha do meu e-mail e sempre ficava olhando, viu uma mensagem de um dos concursos que tinha feito e já nem me lembrava, que foi do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), me pedindo para comparecer na agência da cidade com as documentações necessárias. Imagine como fiquei feliz em passar em um concurso público, ser chamada, ter o meu próprio dinheiro. Eu não tenho nem palavras para expressar minha gratidão.

Comecei, assim, a trabalhar em uma pesquisa de saúde no IBGE. Foi uma experiência incrível por um curto período. Porém, minha sobrinha não desistiu de me ver estudando e me perguntou se poderia me matricular na UNILAB. Ela me alertou que não tinha o curso que eu queria, mas que havia o curso de Letras e outra opção que ela não sabia. Então, aceitei o curso de Letras, sem nem saber do que se tratava. Hoje, sinto até vergonha dessa desinformação. Foi dessa maneira, que cheguei à UNILAB e me encontrei aqui nessa instituição com tantos negros e negras lindas e inteligentes. Percebi que a África não tem nada a ver com o que a mídia nos mostra. Então, chegou à pandemia e “virou tudo de cabeça para baixo”. O trabalho acabou, a UNILAB fechou e ficamos TODOS em casa, convivendo com a incerteza do amanhã.

Sabemos que a UNILAB (Campus dos Malês) ainda não é o que desejamos e que muito precisa ser feito. Mas é o que temos e resistimos apesar de tudo que sofremos. Hoje já estou quase finalizando o curso. Durante o percurso em que passamos pela pandemia, perdi amigos, uns morreram, outros desistiram e outros terminaram o curso e foram embora.

Atualmente, para mim, é triste ver tantos jovens que estão no final do ensino médio e ainda estão sem direção, sem nenhuma perspectiva, desmotivados. Sei como é se sentir assim, pois já estive neste lugar. Além disso, existem, hoje, vários recursos como as tecnologias e os benefícios do governo para os alunos em idade escolar. Estas facilidades que existem hoje, não existiam na minha época. E, mesmo assim, os jovens não aproveitam da maneira certa. As meninas ficam gestantes muito cedo e, por isso, abandonam a escola e passam a viver de benefícios sociais com maridos abusivos ou viram mães solteiras. Os meninos, muitas vezes, acabam se envolvendo com drogas e correm o risco de perderem a vida muito cedo. Outros abandonam a escola para trabalhar, tendo que viajar para outro estado, pois no município não oferece oportunidade de emprego para todos. Poucos são os que conseguem sair desse ciclo e concluir um curso técnico ou uma graduação.

Depois de ingressar na vida acadêmica, posso dizer, com o olhar crítico, que o que vejo atualmente é um reflexo de tudo que vivi quando era jovem aqui neste município. Todavia, não

tínhamos nenhum recurso ou benefícios, mas éramos estudantes assíduos, respeitadores e comprometidos. O tempo passou e a impressão que tenho é de que as coisas não mudam. Muito pelo contrário, em minhas observações de estágio nas escolas do município, posso fazer uma comparação da escola antes e agora e dizer que a educação no município piorou. Dessa forma, o que encontramos são professores mental e fisicamente cansados e descomprometidos por fatores internos e externos que refletem em sala de aula. Como resultado, temos alunos desmotivados e desinformados, com vivências que também interferem em seu aprendizado. Além, da opressão e de todo tipo de preconceito e todas essas emoções geram conflitos entre professores e alunos.

Tenho a minha experiência como referência para dizer que a educação é crucial na formação de cidadãos conscientes e críticos. O acesso a uma educação de qualidade não visa apenas a um futuro melhor, mas também a pessoas melhores que possam atuar em sua comunidade de forma ativa para transformar a sua própria realidade, estimulando e despertando valores: indivíduos com noção não apenas de seus deveres, mas principalmente de seus direitos.